

REVISTA



RAÇA

“ Os ganhos não são apenas financeiros, mas a diversidade permite que vejamos o mundo com outros olhos, melhorando o clima interno e a empresa como um todo”

LUIZA TRAJANO

da Magazine Luiza, fala com exclusividade para a Raça

O PRÍNCIPE DO PAGODE NO REINO DA RAÇA

Os 30 anos de carreira de

REINALDO

em um especial da Raça

NEGRAS NO CINEMA E TV

Uma perspectiva de quem produz e quem atua nas telas

VAMOS PESQUISAR!

Um olhar sobre os desafios dos negros na pós-graduação por **Túlio Custódio**

BEM-VINDO AO MARANHÃO!

Conheça toda a tradição afro de um dos expoentes culturais do Nordeste

NÚMERO 198 - PREÇO R\$ 14,00

ISSN 1413-8085 00198



9 771413 808002



NOVOS COLUNISTAS!

Cabelos afros em crianças - Dicas da nossa colunista especial **Rachel Quintiliano** sobre penteados nos pequenos

Entenda como as empresas pensam com o nosso colunista **Amarildo Nogueira**

Carol Barreto - Fique por dentro do que há de mais moderno na moda afro

Zulu Araújo sobre os acontecimentos do Movimento Negro no Brasil

DA ORIGEM AO DESTINO: A SUA CARGA EM BOAS MÃOS

Somos uma transportadora especializada no transporte de cargas aéreo e rodoviário, que atende a todo o território nacional em um modelo operacional que entrega a sua carga em até 24 horas nas principais capitais do país.




ViaBrasil
TRANSAÉREO



CERTIFICAÇÃO
COMPROVADA

Sindicato Nacional das Empresas Aeroviárias

SNEA

11 2085-4400

www.viabrasiltransaereo.com.br



Mauricio Pestana

Jornalista, publicitário, cartunista, escritor e roteirista
www.mauriciopestana.com.br

QUE VENHAM MAIS 21 ANOS

Uma das discussões que permanecem em moda mesmo se passando mais de século da revolução industrial, o surgimento do capitalismo e o fim da escravidão negra nas Américas é a questão de raça e de classe. A pergunta ainda permeia os meios acadêmicos, sociais e políticos, principalmente no Brasil: Somos discriminados por ser negros (as) ou discriminados por sermos pobres? Ou, a ascensão econômica projetada e sonhada dentro dos parâmetros capitalistas é capaz de pôr fim à discriminação racial?

Os diversos ciclos econômicos e conseqüentemente organizacionais das sociedades contemporâneas têm mostrado que o câncer do racismo é capaz de transpor qualquer regime e sobreviver em maior ou menor intensidade, no socialismo como o cubano ou no capitalismo como o americano.

Em que pese à fantástica revolução social com ênfase na saúde e educação, o regime cubano não foi capaz de estancar a doença do racismo que hoje, décadas após o levante, tornou-se uma das grandes discussões na ilha de Fidel.

A alguns quilômetros de Havana está o território sede do capitalismo do mundo, os Estados Unidos da América, com regime oposto ao cubano, mas que carrega consigo a face mais nefasta do racismo que é braço armado do Estado em suas constantes violações dos direitos dos negros, endossadas hoje por declarações e manifestações catastróficas do governo Donald Trump.

Não diferente na ação, mas subdesenvolvida na forma e conteúdo vem o racismo brasileiro com

um forte componente de classe, componente esse potencializado pela negligência educacional. Aqui, diferente de Cuba e Estados Unidos, o descaso, a negligência e o racismo estruturado com o viés da exclusão colocaram negros por quase um século longe dos bancos escolares, potencializando nossas desigualdades que são raciais, sociais e educacionais, deixando negros presos ao seu próprio destino.

Porém, na virada do século passado, as coisas começaram a mudar: saltamos de 2% de ocupação nos bancos universitários para mais de 20% nos dias atuais, saímos dos tradicionais papéis de domésticos e de escravizados nas novelas de época para o lugar de ter um casal de negros, Taís Araújo e Lázaro Ramos, como dos mais bem pagos da televisão brasileira. O cabelo crespo é hoje face do empoderamento negro do feminismo, estamos indo além do modismo, ocupamos hoje espaço na academia, no cinema, nas artes e na tecnologia. No empreendedorismo estamos também dando passos largos e começamos a caminhar nas áreas estratégicas de algumas grandes empresas.

Ainda há um longo caminho a percorrer, somos ainda as maiores vítimas da violência estrutural desse país subdesenvolvido até na forma de expor seu nada sutil racismo, mas sabemos que com um amplo apoio da sociedade brasileira composta por brancos, negros, indígenas, imigrantes, refugiados, cristãos de religiões de matrizes africanas ou asiáticas, entre outros que formam esse grande caldeirão que é a nação brasileira, iremos sim continuar resistindo e construindo a igualdade retratada há 21 anos na revista RAÇA.



RADICALIZANDO NA INCLUSÃO DE NEGROS

por MAURÍCIO PESTANA | foto DIVULGAÇÃO



ENTREVISTAR A ADVOGADA DE FORMAÇÃO LUIZA TRAJANO É, SEM DÚVIDAS, EXPERIÊNCIA DAS MAIS GRATIFICANTES PARA UM JORNALISTA, NÃO SÓ PELO APRENDIZADO DE VIDA QUE A EXPERIENTE ADMINISTRADORA DA REDE MAGAZINE LUIZA TRANSPASSA, MAS TAMBÉM PELA FORMA SIMPLES E DIRETA NA QUAL ELA CONDUZ A ENTREVISTA. PODEMOS OBSERVAR QUE ESSA TAMBÉM FOI A MARCA EMPREGADA NA SUA REDE QUE NASCEU EM FRANCA, INTERIOR DE SÃO PAULO, E SE TRANSFORMOU NUMA DAS MAIORES REDES VAREJISTAS DO BRASIL. NESSA ENTREVISTA EXCLUSIVA DA RAÇA A VETERANA DIRIGENTE MOSTRA PORQUE SEMPRE ESTEVE À FRENTE DE SEU TEMPO, NÃO SÓ NA ÁREA TECNOLÓGICA POR TER SE TORNADO O PRIMEIRO MODELO DE COMÉRCIO ELETRÔNICO DE TODO O MUNDO, EM 1999, MAS TAMBÉM NA ÁREA DE IGUALDADE RACIAL E DE GÊNERO, POIS É IDEALIZADORA DO GRUPO AS MULHERES DO BRASIL, E HOJE É UMA ÁRDUO DEFENSORA DE AÇÕES AFIRMATIVAS E DE REPARAÇÃO PARA NEGROS E NEGRAS, COMO DEMONSTRA NA ENTREVISTA A SEGUIR.

Indo direto ao assunto e à polêmica que ainda resiste na sociedade brasileira, a senhora é a favor de cotas raciais no mercado de trabalho?

Em primeiro lugar, as pessoas precisam entender exatamente o que são as cotas raciais, há muita confusão a respeito do assunto e muita desinformação; quando as pessoas entendem exatamente o que são as cotas é difícil elas ficarem contra.

Explique melhor, então, na sua concepção, o que são as cotas e o que mais as pessoas precisam aprender?

A primeira coisa é entender que cotas são um processo transitório, é para acertar um erro histórico, uma desigualdade que muitas vezes foi intensificada por falta de uma política pública adequada que pudesse reverter um processo de desigualdade e que se a gente não fizer alguma

coisa essa desigualdade não irá acabar nunca, este é o ponto básico. A segunda e talvez mais importante coisa a entender é que uma empresa só tem a ganhar reproduzindo em seus quadros a diversidade existente na sociedade. Os ganhos não são apenas financeiros, mas a diversidade permite que vejamos o mundo com outros olhos, melhorando o clima interno como um todo.

Mas os críticos dessa ação acham que é uma medida muito radical e extrema para o Brasil. E você?

É um erro achar isso, se você não tomar uma atitude como colocar cotas raciais para mudar o quadro racial das empresas você vai levar 100 anos pra fazer as coisas andarem para os negros e quando falo isso não falo só no trabalho, falo em todos os níveis.

Como assim?

Simple: dê uma olhada na questão escolar. A defasagem escolar com relação ao negro é gigantesca, é muito desigual e se a gente não fizer alguma coisa vai continuar desigual; até a minha próxima geração, meus netos irão viver num país desigual como é hoje, e não é essa herança que eu quero deixar. Então, quando você descobre que existe uma medida transitória que pode acelerar o processo você muda totalmente a forma de pensar. Quando você descobre que as coisas melhoraram você muda, porque eu também não concordo com cotas sem mudar a consciência.

Mudar consciência, essa é uma postura forte. Explique melhor isso.

Uma empresa como a nossa em que as mulheres representam mais de 50% dos nossos 20 mil funcionários, não poderíamos fazer vista grossa a qualquer tipo de discriminação em especial contra negros.

E como a senhora iniciou o trabalho com relação à discriminação racial?

Um dos primeiros passos nesse sentido foi a discussão do tema da inclusão racial com os 1.200 gestores de primeira linha da rede, enfatizando a necessidade de assumir na prática a integração de trabalhadores negros, e os resultados apareceram rapidamente. Numa das lojas de Campinas, no interior de São Paulo, administrada por um gerente negro, a seção de produtos eletrônicos pesados (geladeiras, freezers etc.), que responde por 70% das vendas, é toda composta por afrodescendentes. É uma das unidades mais bem-sucedidas da companhia.

Há 2 anos eu trabalho com esse nível de consciência, então agora eu quero estagiário negro, eu quero que em

cada loja tenha *treineer* negro, eu quero 3, 4 negros em cada loja e se a gente não chegar nisso a gente vai parar...tem que se virar.

Um dos argumentos dos que são contrários a medidas como cotas no mercado de trabalho é que elas seriam um problema parecido aos encontrados em relação a pessoas portadoras de necessidades especiais: existe a lei mas há muita dificuldade de encontrar o profissional para ocupar esse espaço. É verdade?

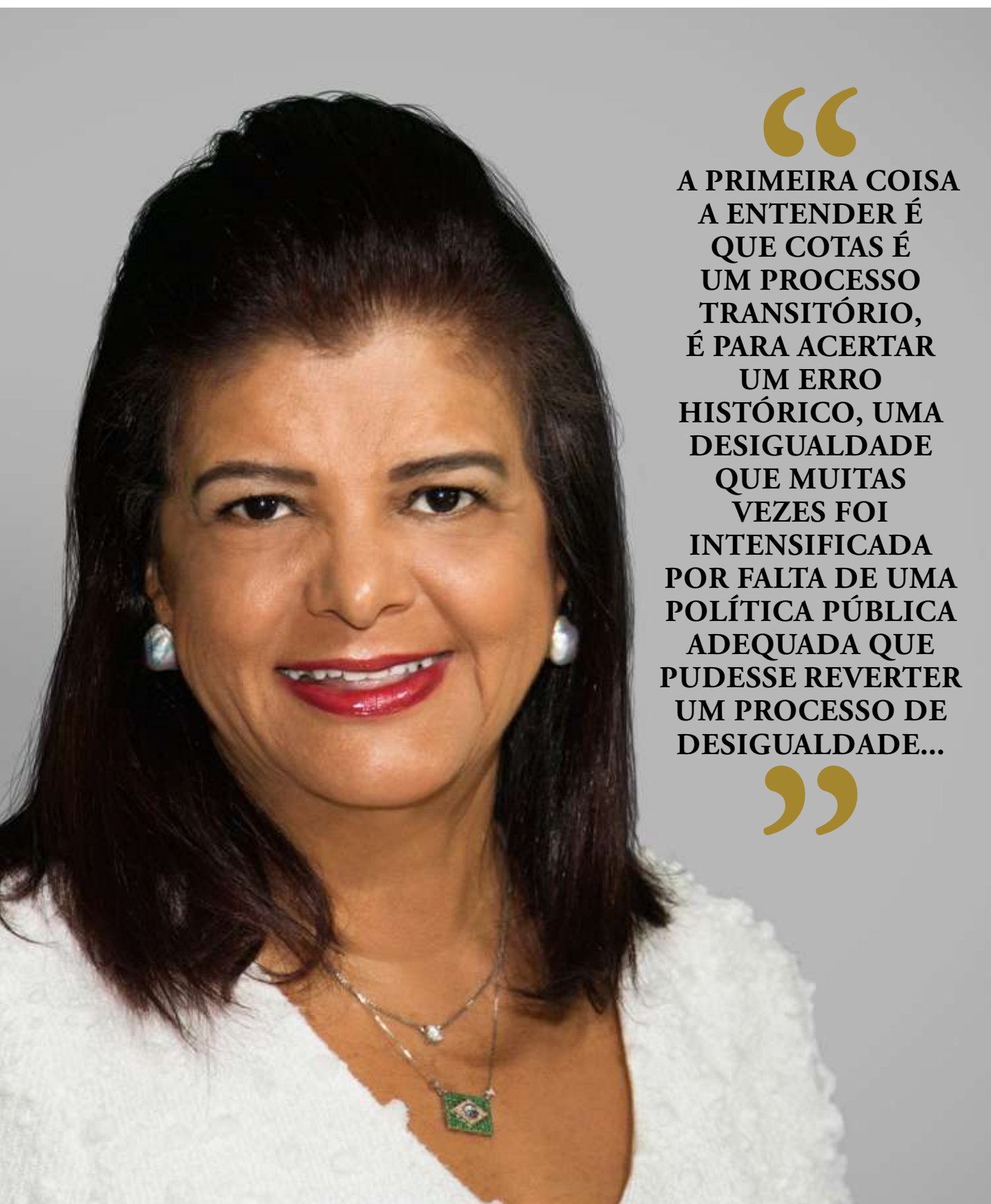
Meu filho, tem que ter cotas, a desculpa será sempre a mesma ou arrumará outra, é que igual à dos deficientes, antes da lei você não achava, não encontrava. Assim que baixou a lei, fomos obrigados a achar. Temos que dar um salto e tem que ter *treineer*, estagiários, a cada 30 tem que ter 2, 3.

O que outros dirigentes de empresa acham dessa sua posição, a senhora conhece alguma empresa ou dirigente com essa posição arrojada e avançada como a da senhora?

Sim, são poucos mas já tem gente se destacando na defesa da igualdade; no caso específico de mercado, posso apontar o Theo van der Loo, da Bayer. Agora em termos de empresa eu destacaria o Banco Santander que está fazendo um trabalho fantástico em sua corporação. Tudo que eles fazem eles apresentam com números muitos consistentes, e tem trabalhos muito interessantes também com relação a assédio sexual, de violência contra mulheres; estão entre as melhores empresas para as mulheres trabalharem. Sabe o que eles fizeram? Eles têm um cartaz onde você tira foto quando chega lá. Se vocês virem os vídeos que eles estão fazendo com a própria equipe e eles mandam no whatsapp de todo mundo, até peguei um nosso, eles divulgam no youtube, pra mim não tem ninguém fazendo igualdade como eles, nós fazemos, mas eles têm metas e trabalham com diversidade. Por exemplo, tem cotas de *treineer* para negros trabalharem lá, estagiários negros.

E esses dois anos em que a senhora vem trabalhando essa questão na sua rede de lojas, já tem dado para notar a diferença?

Poderia te dar alguns exemplos dessa mudança, mas citarei aqui algo que me deixou bastante emocionada e animada. Eu fiz um curso de segundo nível de gestor (gerente) e fiquei muito feliz, porque quando eu chamei ao palco os negros, tínhamos mais de 120 negros líderes.



“

**A PRIMEIRA COISA
A ENTENDER É
QUE COTAS É
UM PROCESSO
TRANSITÓRIO,
É PARA ACERTAR
UM ERRO
HISTÓRICO, UMA
DESIGUALDADE
QUE MUITAS
VEZES FOI
INTENSIFICADA
POR FALTA DE UMA
POLÍTICA PÚBLICA
ADEQUADA QUE
PUDESSE REVERTER
UM PROCESSO DE
DESIGUALDADE...**

”

EDIÇÃO 198 | REVISTARACA.COM.BR - OUTUBRO DE 2017

MATÉRIAS

- 24 CINEMA E TV:**
ONDE ESTÃO AS MULHERES NEGRAS?
- 26 PAPO DE BAMBA**
COM CLAUDIA ALEXANDRE
- 34 A PRESENÇA
DA CULTURA NEGRA**
NA VIDA E NA OBRA DO MALUCO BELEZA
- 50 PARA TRANSFORMAR
O INVISÍVEL**
PERFILANDO ACADÊMICOS NEGROS

36

REINALDO
O PRÍNCIPE
DO PAGODE

28

MARANHÃO

Conheça toda a tradição afro de um dos expoentes culturais do Nordeste



SEÇÕES

- 3** Opinião de Raça
- 4** Páginas Pretas
- 9** Editorial
- 10** Interativa
- 12** Dicas Raça
- 14** Livros
- 16** Zulu
- 22** Amarildo
- 42** Moda
- 46** Eu na Raça
- 47** Negros em Movimento
- 54** Festa
- 56** Passarela da Raça
- 62** Humor

18

BELEZA E AUTOESTIMA
DAS CRIANÇAS NEGRAS

Quando o cuidado com o cabelo pode ser uma chave para elevar a autoestima das crianças





FOTO RAFAEL CUSATO

21 ANOS DE MUITOS TONS E CORES

Depois de 21 anos de Revista Raça e tantos editoriais de profissionais diferentes, fica difícil escrever sobre a publicação nesta edição especial. São muitas histórias para contar, muitos desafios superados para decidirmos que era chegado o momento de renovar. Nestes muitos anos nós crescemos muito; e, ao longo deste percurso, surgiram novos projetos que exigiam um olhar especial.

Muito além da edição impressa, o maior desafio da renovação da Revista Raça foi reencontrar sua verdadeira essência diante de tantas novidades digitais. Neste novo contexto, você poderá conferir novas ferramentas que foram pensadas para aproximar os leitores da nossa revista, de modo que, juntos, possamos compartilhar criações e experiências. Trata-se de uma nova maneira de inspirar pessoas; afinal, esta é exatamente a proposta da revista e a razão pela qual estamos aqui.

Nosso objetivo é deixar tudo mais acessível, bonito e informativo, como somente a Revista Raça sabe fazer. Agora você também poderá conhecer mais sobre a história e acompanhar de perto as notícias do país e do mundo em tempo real, através do nosso portal. A revista continua a alcançar todas as capitais brasileiras, de Sul a Norte; e os nossos fornecedores e anunciantes têm como compromisso destacar a beleza e a cultura do nosso povo em todo o país.

Mudanças internas também fizeram parte deste processo, e agora ficou bem mais fácil acompanhar nosso crescimento e aprimoramento. Novas e novos colunistas, campanhas em redes sociais, artigos semanais, festas exclusivas, um baile em alto-mar, e até um programa de TV. Não são poucas as novidades que a Revista Raça traz para você.

Diante de tudo isso, me cabe apenas dizer que estamos muito felizes com o reconhecimento que tivemos até o momento, e muito gratos por trabalharmos em um projeto que procura estar sempre atualizado e em constante movimento. É a Revista Raça renovada, atual e feita para você. E você, diz aí: o que achou de nossa nova identidade?

Fernanda Alcântara

Redação
redacao.raca@mauriciopestana.com.br



A VITÓRIA DA MISS BRASIL

Sem dúvidas essa mulher parece uma miss. Se eu a visse na rua notaria a beleza fora do comum. O placar tá 60 (brancas) X 3 (negras). Falta muito ainda pra igualar. Que comecem o choro!

Eduardo Escafura

AUTOESTIMA

Agradeço Muito a Revista Raça. Ela me ajudou a me aceitar, a levantar minha autoestima e me assumir como homem, negro e de muito valor

Paulo Henrique

Adorei! Sinto resistência pelos empregadores quando apresento minhas habilidades e quando falo da minha facilidade em me adaptar novas funções ou aprendizado técnico. Eles não dão oportunidade. Por que isso? Medo ou falta de ousadia em apostar em um perfil empreendedor?

Daniela Rodrigues

Cada vez mais esses racistas estão ficando mais ridículos e a Raça é a única Revista que expõe esses absurdos. Estamos juntos Revista Raça.

Maria Helena

E O VENTO LEVOU

Amo esse filme, o que ele retrata é o que aconteceu, cabe a nós discutir como foi cruel o passado, e não repeti-lo

Katia Ramos



CAMPANHA SOBRE CABELO

Temos que amar nossa raça e nos amar, vamos nos amar primeiro como homens pretos e mulheres pretas, aumentar a autoestima das nossas crianças

André Bueno



CAMPANHA RELIGIÃO

Eu sou da umbanda, mas respeito à opinião e o espaço de quem não gosta, não podemos tirar o livre arbítrio dela opinar, ela só não pode agredir verbalmente ou fisicamente um cidadão de crença diferente da dela. O ser humano caminha para a evolução, enquanto isso faço minha parte e ignoro o que não me serve.

Fernando Souza



DIA DO SAMBA ROCK

Dancei muito Samba Rock com meus primos e foi muito bom! Obrigada por lembrarem essa data tão importante para a comunidade

Sandra Regina

Vem aí...



REVISTA

RAÇA
3 Hair Brasil

Agenda RAÇA - Outubro 2017



OCTOBERFAST EM SÃO PAULO

“Onde o mundo se mistura e a cidade se encontra” Esse é o lema da 1ª Festa Tradicional alemã Oktoberfest, que ocorre no Anhembi em São Paulo.

O evento acontece há 200 anos em Munique, na Alemanha, e conta com a participação de toda família, e o objetivo da festa em São Paulo é ser fiel ao evento Germânico e tradicional. A capital Paulistana contará com tendas de cervejas artesanais, comidas típicas, atrações culturais e musicais brasileiras e alemãs além de muita diversão. O Anhembi terá vários espaços como: Bier Garden, Bierpark com brinquedos e parque de diversão.

São Paulo é considerada a maior cidade industrial alemã fora da Alemanha e um grande polo de cervejas artesanal. A estimativa de que esse evento trará 150 mil pessoas vindas de todo Brasil.

Se liga na programação:

- 05/10 - Péricles, Banda Munique.
- 06/10 - Melanina Carioca, Banda Fritz.
- 07/10 - Cidade Negra, Banda Sonata.
- 08/10 - Michel Teló, Banda Fritz

SERVIÇO

Local: Arena Anhembi – Av. Olavo Fontoura, 1.209 Santana - São Paulo - SP

Classificação: 18 Anos – Menores somente acompanhados dos pais. Menores de 14 anos não pagam ingresso.

Horários: das 14h às 22h de quarta a sexta-feira, das 12h às 23h nos finais de semana.

Ingressos: www.ticket360.com.br

Informações: www.saopaulooktoberfest.com.br



FOTO: CAIO REIS

REINALDO O PRÍNCIPE DO PAGODE FAZ 30 ANOS DE CARREIRA

O cantor Reinaldo, considerado o Príncipe do Pagode, completa 30 anos de carreira com um show especial no Tom Brasil em Sampa. Além de cantar seus sucessos e suas parcerias com grandes músicos consagrados, o show contará com a participação do Cantor Péricles que promete levantar a galera e empolgar a todos que forem prestigiar o evento.

SERVIÇO

Local: Rua Bragança Paulista, 1281 Santo Amro - São Paulo.

Classificação: 14 Anos – Menores somente acompanhados dos pais.

Horários: A partir das 21:00 horas.

Ingressos: Ingresso Rápido.

Informações: grupotombrasil.com.br



CAETANO VELOSO & FILHOS

Caetano é o músico, compositor, maestro, cantor e acaba de completar 75 anos. A comemoração será em grande estilo, e pela primeira vez se apresenta com os filhos: Tom, Zeca e Moreno. Todos cantam músicas já consagradas na MPB, tanto do pai como de outras grandes parcerias tais como: Gilberto Gil, Rita Lee, Jorge Bem Jor, Roberto Carlos e por aí vai. Também apresentarão composições inéditas feitas por eles enquanto Caetano toca violão. O show promete!

Dias 14, 15, 21, 22 e 28 - Teatro Net - São Paulo

SERVIÇO

Local: Rua das Olimpíadas, 360
Santo Amaro - São Paulo.

Classificação: 12 Anos – Menores somente acompanhados dos pais.

Horários: A partir das 21:00 horas.

Ingressos: Ingresso Rápido.

Informações: sac.ingressorapido.com.br



PAUL McCARTNEY EM SALVADOR

O ex-Beatles se apresentará pela primeira vez em Salvador. Sua turnê que começou em 2016 já percorreu várias partes do mundo e agora chega na capital baiana. O show intitulado “ONE ON ONE”, conta com músicas de seu início de carreira e composições atuais com parcerias ilustres Kanye West e Rihanna. O que também terá destaque na apresentação é o disco “SGT. Peppers Lonely Hearts Club Band”, grande sucesso dos Beatles que completa 50 anos. Na Arena Fonte Nova. Imperdível....

SERVIÇO

Local: Ladeira das Fontes das Pedras S/N
Salvador - Bahia.

Classificação: 10 anos acompanhadas dos pais.

Horários: A partir das 21:30 horas.

Ingressos: Na bilheteria do Local

Informações: ticketsforum.com.br

Corinthians #PrimeiraForça

Daniel Augusto Jr.

O livro *Corinthians #PrimeiraForça* explora as imagens feitas pelo fotógrafo oficial do clube, Daniel Augusto Jr., durante a caminhada para o 28º título do Corinthians no Paulistão.

O Corinthians entrou na temporada 2017 questionado pela imprensa, rivais e sua torcida, e apontado por muitos como o mais fraco dos quatro grandes da capital. No fim, porém, o resultado visto foi diferente logo na primeira competição do ano, com o troféu do Campeonato Paulista. Agora, o clube lança um livro de fotos sobre a conquista e provoca com o título *#PrimeiraForça*.

O porquê da frase é simples. Durante o Paulistão, o Timão era apontado como a quarta força do estado, e até mesmo o treinador Fábio Carille foi questionado sobre o assunto e, ao levantar a taça de campeão, afirmou: "Desde o começo do campeonato sabíamos de nossa limitação, as dificuldades apareceram, como aparecem diariamente dentro de um clube de futebol, mas isso não atrapalhou para a campanha irreparável que fizemos. (...) Esse grupo se fechou e se uniu numa rapidez grande e isso nos ajudou muito até a conquista do título".



FOTO DIVULGAÇÃO

Origem

Dan Brown

O anfitrião da noite é o futurólogo bilionário Edmond Kirsch, de 40 anos, que se tornou conhecido mundialmente por suas previsões audaciosas e invenções de alta tecnologia. Um dos primeiros alunos de Langdon em Harvard, há 20 anos, agora ele está prestes a revelar uma incrível revolução no conhecimento... algo que vai responder a duas perguntas fundamentais da existência humana. Numa jornada marcada por obras de arte moderna e símbolos enigmáticos, os dois encontram pistas que vão deixá-los cara a cara com a chocante revelação de Kirsch... e com a verdade espantosa que ignoramos durante tanto tempo.

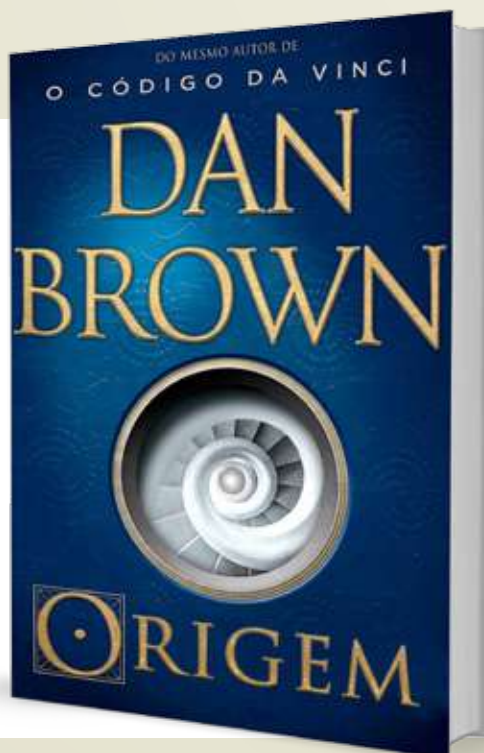


FOTO DIVULGAÇÃO

Superman. Entre a Foice e o Martelo

Dave Johnson

Nessa surpreendente releitura de um conto mais que familiar, certa nave kryptoniana cai na Terra, trazendo um infante que um dia se tornará o ser mais poderoso do planeta. Mas seu veículo não caiu nos Estados Unidos. Ele não foi criado em Smallville, Kansas. Em vez disso, encontrou um novo lar em uma fazenda coletiva na União Soviética! Da mente de Mark Millar, elogiado roteirista de Authority e O Procurado, chega esta estranha e genial reinterpretação do mito do Superman. Com arte de Dave Johnson, Kilian Plunkett, Andrew Robinson e Walden Wong.



FOTO DIVULGAÇÃO



FOTO DIVULGAÇÃO

Internet Heroes Brasil

Pedro Zambarda

Conheça os bastidores e as estratégias por trás do sucesso de gigantes como 99, iFood, Loggi, Peixe Urbano, TruckPad e outras empresas brasileiras de on-line to off-line.

Engana-se quem acha que nenhum setor cresce na crise econômica.

O jornalista Pedro Zambarda, especializado em Tecnologia, mostra neste livro tão oportuno quanto esclarecedor que os negócios na internet crescem – e muito – também durante a recessão. Em linguagem simples e direta, ele conta a história de onze casos de sucesso de serviços on-line, desde transporte e alimentação até cuidados médicos e de beleza, sobretudo com o uso de smartphones. São histórias que interessam não apenas empresários inovadores, mas também a consumidores atentos a serviços que facilitam seu cotidiano. Trata-se do modelo “ganha-ganha”, bom para o empreendedor e o consumidor. Por trás de um êxito na rede, há sempre uma equipe empenhada, com ou sem experiência, e que requer investimento. O autor revela também o caminho do dinheiro. É um mundo de negócios sem fronteiras. Globalizado.

“A CULTURA NOS LIBERTA...”



FOTO: DIVULGAÇÃO

Zulu Araújo

A afirmação acima foi proferida com toda ênfase em memorável palestra realizada por **Graça Machel**, grande liderança e ativista feminina africana e mundial, no Teatro Castro Alves, na cidade do Salvador, encerrando o projeto Fronteiras do Pensamento 2017, patrocinado pela Braskem, via FazCultura.

Graça encantou a tudo e a todos com seu jeito meigo e transparente, porém firme e tranquilo de afirmar que as questões de gênero e racial passam, inevitavelmente, por uma nova postura de consciência coletiva e individual, além do necessário empoderamento econômico desses segmentos. Para ela, não basta apenas apontarmos o dedo para os nossos algozes, faz-se mais do que necessário nos organizarmos e enfrentarmos estas situações de cabeça erguida e convicção da vitória.

Ao longo de 90 minutos, Graça Machel discorreu sobre o olhar enviesado, equivocado e muitas vezes propositalmente desinformado, com que grande parte do mundo ocidental trata os temas do continente africano, incluindo-se aí o nosso querido Brasil. Ressaltou ainda, o quanto o universo africano é diverso, onde coexistem diversas civilizações que ora são complementares, ora se sobrepõe, e ora conflitam-se abertamente. Indicou com clareza as realidades políticas, culturais e religiosas absolutamente distintas, embora tenha algo que os imanta e une, que ela chama de Ubuntu, ou a solidariedade “...onde a grandeza de um está na dignidade do outro”. Um sentimento complexo e delicado, quase inalcançável ou incompreensível para boa parte do mundo ocidental.

Ela transitou sobre o antiquíssimo fenômeno das migrações, registrando que o mesmo tem origens remotas no processo civilizatório da humanidade, mas não deixou de assinalar as principais causas que fazem desse fenômeno, nos dias de hoje, um problema dramático do ponto de vista humano. Apontou os conflitos armados e as catástrofes climáticas como os principais motivadores das migrações nos tempos atuais, mas indicou que a dimensão econômica continua sendo a principal razão da mobilidade entre os povos. E lembrou que parte do que ocorre hoje é fruto do processo colonizador e predatório com que o mundo ocidental se relacionou com o continente africano.

E disse de forma categórica: não adianta reprimir, criar barreiras, muros ou legislações, pois enquanto a desigualdade estiver presente entre os seres humanos, estes seres buscarão, inevitavelmente, a sua superação, mesmo que para tanto ponha em risco sua própria vida, como vem ocorrendo nos fatídicos trajetos pelos mares do sul.

Quando abordou a questão da globalização, ela fez questão de sublinhar que até o momento o benefício da globalização tem chegado a poucos e que a tão falada aldeia global ainda é para os eleitos ou privilegiados. E citou um dado contundente para exemplificar – **70% da população africana não possui acesso a energia elétrica, nos dias de hoje.**

Embora não tenha negado em nenhum momento a importância e a inevitabilidade da globalização enquanto processo econômico, ela deixou claro que sem a democratização e a solidariedade humana para que os seus efeitos benéficos estejam ao alcance de todos, teremos mais e mais conflitos, mais e mais migrações, cada vez mais dramáticos para a superação desse problema.

Mas, foi no quesito Direitos Humanos que ela se debruçou com maior atenção. Não só discorreu sobre a importância dos direitos humanos enquanto um valor universal, como desceu a detalhes da sua importância quando tratamos da questão da mulher e da criança, em particular no continente africano. Relatou de forma comovente a situação de desigualdade e muitas vezes de violência em que as mulheres africanas se encontram, embora tenha frisado que esta é uma situação que está presente em praticamente todas as sociedades humanas.

Do mesmo modo, indicou remédios e caminhos para que possamos enfrentar esta tragédia e teceu comentários duros sobre o papel das lideranças políticas no enfrentamento desta questão. E foi nesse momento que ela afirmou de maneira contundente: **“A cultura é tudo aquilo que nos liberta(...) Não acredito que possamos chamar de cultura atos e comportamentos que violentam, aniquilam ou oprimem os seres humanos, em particular as mulheres e as crianças. Isto eu coloco no campo da tradição. E tradição pode e deve ser modificada, sempre.”**

E foi adiante, condenando de forma veemente os chamados “casamentos prematuros”, que ocorrem em larga escala no continente africano e submete as meninas (futuras mulheres) a um processo de dominação e violência sem tamanho. Deixou claro que seu alvo, para alteração deste quadro, vai desde o convencimento das autoridades tradicionais, passando por ações de políticas públicas de governo, mas apostando todas suas fichas, no trabalho junto à juventude, que segundo ela será a grande aliada para sepultar de uma vez por todas este tipo nocivo de prática tradicional.

Ao final, ela nos deixou uma mensagem de esperança e, sobretudo, de estímulo para continuar na luta. Ela afirmou com a tranquilidade e a doçura de quem acompanhou dois processos históricos do continente africano (a independência de Moçambique e a libertação da África do Sul do regime do Apartheid) que sem a mobilização da sociedade e participação dos movimentos sociais, não há caminho, nem há salvador.

Para Graça Machel, é fundamental que mobilizemos as pessoas a partir do que elas possuem de mais importante que é o humanismo. Não o humanismo retórico ou ingênuo, mas o humanismo que nos faz desejar o bem, a igualdade e a fraternidade.

Toca a zambumba que a terra é nossa!

TEMPLO, BAR DE FÉ!

Instalado em um amplo galpão do início do século, no coração da Mooca, o Templo é um endereço inusitado, divertido, curioso, pautado no sincretismo religioso, gastronômico e musical. O local é certo para quem procura diversão. É a melhor casa de samba de São Paulo, onde o ritmo é a religião em comum dos que frequentam. **“Celebramos a fé e a espiritualidade, com respeito a todas as crenças e religiões”**, afirma o proprietário.

Inaugurado em junho de 2011, em seus 6 anos, a casa já recebeu inúmeras atrações especiais e de peso na música brasileira. Passaram por lá sambistas como Arlindo Cruz, Marcelo D2, Xande de Pilares, Fundo de Quintal, Almir Guineto, Jorge Aragão, Péricles (que realiza diversas temporadas exclusivas no bar), entre outros.

Mais de 800 imagens de santos cristãos, umbandistas, hinduístas, budistas, treze delas com mais de dois metros de altura, confeccionados em barro pelo artesão amazonense Ney Meirelles, de Paratins, recebem os clientes, que se acomodam em mesas coletivas e bancos de igrejas.

A fachada da casa tem sino no alto, oratório na parede e luzinhas rebordando o desenho do telhado. Mas o que realmente impressiona é a majestosa porta de madeira entalhada à mão, com idade estimada em mais de 700 anos, trazida de uma mesquita de Fez, a mais antiga das cidades imperiais de Marrocos, capital por mais de 400 anos e principal centro religioso daquele país.

A casa tem também anjos barrocos, bancos de igreja e um balcão (quase 30 metros de comprimento) feito de pau a pique e recoberto por madeiras de carroceria de caminhão.

Em outras palavras, toda a atmosfera do Templo transpira fé, espiritualidade, paz e alegria.

O Templo bar, abre de segunda a segunda, com atrações especiais diariamente. Destaque para as quintas-feiras, onde o sambista de tradição, Reinaldo, anima um público fiel, com seus maiores sucessos. E aos sábados, a casa oferece feijoada com muito samba.



Endereço: Rua Guaimbé, 322 - Mooca, São Paulo - SP
 Telefone: (11) 2601-1441 - www.bartemplo.com



BELEZA E AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS NEGRAS

Quando o cuidado com o cabelo pode ser uma chave para elevar a autoestima das crianças

por RACHEL QUINTILIANO

FOTOS: SHUTTERSTOCK / REPRODUÇÃO



EU TENHO SEIS SOBRINHOS E DOIS AFILHADOS E CONVERSANDO COM PAIS, MÃES, RESPONSÁVEIS E TUTORES DELES E DE OUTRAS CRIANÇAS, DESCOBRI QUE EXISTE UMA DIFICULDADE GRANDE EM LIDAR COM OS CABELOS CRESPOS E CACHEADOS DAS CRIANÇAS NEGRAS (PRETAS E PARDAS).

Mas, por que isso acontece, se a grande maioria da população no Brasil é negra e tem cabelos crespos e cacheados?

Porque o racismo existe e é cruel com todos e especialmente perverso com as crianças. O racismo, entre outras coisas, impede que as crianças se sintam bonitas e, em alguns casos, até amadas. Além disso, as referências nem sempre condizem com o momento que as crianças vivem.

Muitos homens adultos pretos e pardos de cabelos crespos ou cacheados costumam raspar ou usar o cabelo bem curtinho. As mulheres, com a mesma característica, muitas vezes, tratam seus cabelos com processos químicos como relaxamento, alisamento e progressiva. Outros simplesmente têm cabelos naturalmente lisos, mas devido à miscigenação do povo brasileiro ou por conta de relacionamentos interraciais, têm filhos pretos e pardos, de cabelo crespo ou cacheado.

Por um ou por outro motivo, o fato é que pais, mães e responsáveis dizem não saber lidar com o cabelo crespo ou cacheado das crianças. Alguns simplesmente se desesperam, reproduzem o racismo, não enxergam seus filhos como negros, por às vezes terem a pele clara e submetem crianças pequenas a processos químicos para alisar o cabelo, ou como costumamos ouvir por aí, “para soltar os cachos”.



As crianças, por sua vez, podem sofrer duplamente, na escola e em casa, e têm a autoestima severamente abalada. Algumas simplesmente não querem mais ir à escola, sofrem por não terem a aparência dos pais, quando um deles não é negro, sentem-se desprestigiadas, pouco bonitas e não amadas.

Nesta minha jornada rodeada de crianças, pais, mães e responsáveis, descobri que o melhor conselho é mostrar a beleza e a versatilidade dos cabelos crespos e cacheados, para que as crianças se sintam valorizadas e amadas e que o ato de pentear e arrumar o cabelo possa ser tornar um momento especial, lúdico, agradável, de aprendizado, de estreitamento de laços afetivos e de elevação da autoestima.

Então, minha sugestão, como consultora de beleza é ler sobre o assunto, assistir filmes que possam valorizar a sua beleza e a das crianças e, sobretudo, matar a curiosidade delas.

Se você tem uma criança por perto que está na fase de querer ter cabelo liso, faça uma touca com grampos, ou simplesmente penteie o cabelo da criança com uma escova para que fique momentaneamente mais liso. Aproveite e faça no seu cabelo também. Crie o dia do cabelo liso. No dia seguinte, faça o dia do cabelo trançado e depois o dia do cabelo black power e assim por diante.



Aproveite esses momentos de cuidado e brincadeira para contar histórias que valorizem a beleza negra e dos cabelos crespos e cacheados.

Deixe a criança perceber que o cabelo dela é lindo, versátil e que ela poderá escolher, no futuro, como usá-lo e que não precisará ceder ao racismo ou às imposições da indústria da beleza, que, por vezes, desconsidera a beleza do cabelo crespo, cacheado e da pele negra.



MINHAS DICAS DE CUIDADOS PARA COM OS CABELOS CRESPOS E CACHEADOS DE CRIANÇAS

- Se possível utilize produtos específicos para crianças ou para cabelos crespos ou cacheados, que não possuam cheiro forte e que não causem ardência nos olhos. Se achar que os produtos são muito concentrados, uma boa dica é diluir em água.
- Nunca penteie o cabelo seco. Isso pode machucar o couro cabeludo e torna o momento traumático para a criança. Além disso, contribui para a quebra dos fios.
- Use pentes de cerdas largas e tenha muito cuidado ao desfazer os “nós de tranças”, aqueles pequenos nós que se formam depois de fazer ou desfazer as tranças, rabos de cavalo e outros penteados.
- No momento da lavagem, prefira shampoos que não ressecam os fios, como, por exemplo, shampoo sem sulfato ou co-wash. A massagem no couro cabeludo ajuda a limpar e pode ser um momento especial de carinho e afeto.
- A hidratação ajuda muito a manter o brilho e a maleabilidade dos fios. Mas, no cabelo das crianças não é preciso fazer reconstruções, por se tratar de cabelo virgem (sem tratamento químico). Não se preocupe muito com isso. Não se preocupe em “soltar os cachos”. Deixe as crianças serem crianças.
- Os óleos vegetais naturais extravirgens e prensados a frio podem ser ótimos aliados para massagens e umectação. O óleo de coco e o azeite de oliva são bons exemplos.

DICAS DE LIVROS PARA LER COM AS CRIANÇAS, QUE VALORIZAM A BELEZA E AUTOESTIMA DELAS



SUPER-EU
Lisa Bullard



O CABELO DE LELE
Valeria Belem



MENINA DO LAÇO DE FITA
Ana Maria Machado



O MUNDO BLACK POWER DE TAYO
Kiusam de Oliveira

MISSÃO DE VIDA: **REALIZAÇÃO E SUCESSO**



FOTO: DIVULGAÇÃO

Amarildo Nogueira
www.amarildonogueira.com.br

Um dia destes, no final de uma de minhas palestras, uma jovem se aproximou com um largo sorriso e me perguntou o que deveria fazer para ter uma boa vida, uma vida de tranquilidade financeira, paz de espírito, realização profissional e principalmente realização pessoal. Ao ouvir estas perguntas parei para pensar e ao mesmo tempo fiquei feliz pela postura daquela jovem, de aproximadamente 23 anos de idade, pela pergunta interessante que a mim fizera.

Quando digo que cada um de nós tem a oportunidade de escolher o que desejamos para nossa vida, algumas pessoas acham que isto não tem nada a ver e que não é verdade, acham que algumas pessoas já nascem com sorte e outras não. Não vou descartar a ideia de que algumas pessoas estão no lugar certo e na hora certa, porém, além de estarem no lugar certo e na hora certa, possuem o devido preparo, conhecimento, habilidade e atitude que lhes proporcionem a competência necessária, para aproveitar a oportunidade que o momento lhes proporcionou.

Em meus encontros de coaching (processo que auxilia as pessoas a encontrarem os melhores caminhos na vida pessoal e profissional) deixo claro ao coachee (pessoa que passa pelo processo de coaching) que é preciso saber qual a sua “Missão de Vida”, que é a razão de eu existir! Todas as conquistas em nossas vidas só fazem sentido se soubermos o que desejamos para nossas vidas. Tenho visto que a maioria das pessoas fica perdida, sem saber para onde ir e aceitando o que vier para a vida profissional e pessoal.

É de grande importância antes de qualquer ação saber o que você realmente quer para sua vida pessoal e profissional. Então, pergunte para você mesmo: “Por que eu quero conquistar isto? O que isto proporcionará de bom para minha vida? O que tenho feito para conquistar o que almejo?” São perguntas básicas que devemos fazer para nós mesmos quando desejamos conquistar algo. É importante ter em mente o caminho que precisaremos percorrer para conquistar o que almejamos.

A maneira como nos sentimos é que nos impulsionará. A diferença entre sucesso e fracasso está relacionada ao estado mental e físico que vivemos num determinado momento da vida. Você pode ser dotado dos melhores recursos, mas se internamente insistir em manter um estado negativo, duvidando se dará certo, você dificilmente utilizará esses potenciais de excelência.

Depois destes pensamentos, após refletir um pouco e fazer uma viagem do que vivi em minha vida, fiz à jovem algumas colocações com relação a esses aprendizados que obtive trabalhando com pessoas.

Disse a ela que a tranquilidade financeira dependerá do quanto você está disposta a se dedicar para conquistar o

que almeja. Independente de já possuir uma boa condição financeira, ou não, é preciso trabalhar com afinco para conquistar e manter o que se conquistou. Algumas vezes você terá de abdicar de momentos importantes em sua vida, porém, tudo isto dentro de um limite. É de grande importância cuidar da saúde, pois de nada adiantará termos boas condições financeiras sem termos saúde para desfrutar.

A paz de espírito faz parte da forma como encaramos a vida e como nos comportamos diante de algumas situações. Sempre digo às pessoas para utilizarem a seguinte máxima: “Faça para as outras pessoas aquilo que você gostaria que fizessem para você”. Agindo desta forma, fará grandes amigos e conquistará o respeito e admiração das pessoas que a cercam. Além disso, utilize inteligência emocional e resiliência para os momentos de turbulência e conflito.

Quanto à realização profissional, está em fazermos o que gostamos e com que nos identificamos. É preciso ter foco no que desejamos e acreditar que podemos realizar. Às vezes, em alguns momentos, temos que desviar um pouco do foco por conta de situações inusitadas, e assim temos de deixar de fazer o que desejamos por um período, porém, apesar dos contratempos devemos acreditar que tudo isto é uma fase que passará, para retornarmos ao foco que estabelecemos em nossa vida conquistando o que almejamos.

A realização pessoal contempla a tranquilidade financeira, paz de espírito e realização profissional. Estes ingredientes são de grande importância para termos uma vida mais equilibrada, com mais realizações e alegria de viver. Uma vez aprendida esta lição, com certeza, em cada novo desafio obteremos melhores resultados.

Após ouvir estas colocações a jovem me agradeceu e disse que procuraria colocar em prática tudo que ouvira, porém, fiz questão de ressaltar que mais importante do que colocar em prática era iniciar a partir de hoje a definir o que é importante para sua vida, pois só assim tomará a decisão mais assertiva. Disse a ela que “algumas pessoas já nascem sabendo o que querem fazer nesta vida, outros aprenderão no meio da vida, mas outras passarão a vida inteira sem saber o porquê de existir”.

E você que acompanha os artigos do Amarildo Nogueira, o que acha da oportunidade de possuir uma vida melhor? Qual a sua postura e prática para conquistar uma vida melhor? Saiba que enquanto estiver vivo é momento de recomeçar!

Lembre-se: **“Não são as espécies mais fortes que sobrevivem, nem as mais inteligentes, e sim as que respondem melhor à mudança”** (Charles Darwin).

Em Julho de 1917 a classe trabalhadora organizou uma Grande Greve Geral, que parou o país em defesa do aumento dos salários e redução da jornada de trabalho, que até então não eram garantidos por lei. Em 2017, ano que celebramos o centenário da primeira grande greve, mais de 40 milhões de trabalhadores e trabalhadoras organizados pararam o Brasil - em 28 de Abril de 2017 - e organizaram a maior marcha de trabalhadores já vista em Brasília - em 24 de maio de 2017.

Esses dois eventos comprovam que com unidade, resistência e luta, alcançamos vitórias, conquistamos direitos e mudamos os rumos do país.

A Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil se inspira nos lutadores e lutadoras de 1917 para avançar na conquista de mais direitos e na constituição de um Brasil forte, inclusivo e soberano. É a classe trabalhadora parte construtora desse processo. É ela a guerreira de tantas batalhas e ao lado dela trilharemos o caminho para as mudanças que tanto o nosso povo precisa.

Adilson Araújo,
Presidente Nacional da CTB



LUTAR E RESISTIR



**Central dos Trabalhadores
e Trabalhadoras do Brasil**

RESISTÊNCIA E LUTA EM DEFESA
DOS DIREITOS SOCIAIS

CINEMA E TV: ONDE ESTÃO AS MULHERES NEGRAS?

por CHRISTIANNE LUCE GOMES, IARA FÉLIX PIRES VIANA
E MARIANA ROSALINA CORDEIRO FERREIRA DA SILVA

QUANDO ASSISTIMOS A UM FILME, ALÉM DO LAZER, ESTABELECEMOS UMA FORMA DE CONTATO AUDIOVISUAL E UM VÍNCULO EMOCIONAL NÃO APENAS COM PAISAGENS DIVERSAS, MAS TAMBÉM COM AS PERSONAGENS PROJETADAS NA TELA. ASSIM, O CINEMA PODE SER VISTO COMO UMA VIAGEM DE RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE PESSOAS, MEDIADA POR IMAGENS. NESSE PROCESSO, ATRAVÉS DO NOSSO OLHAR, NOSSA VISÃO DE MUNDO VAI SENDO CONSTRUÍDA E MUITOS VALORES VÃO SENDO ASSIMILADOS.

O cinema brasileiro, após os anos 2000 – momento que se convencionou chamar de “pós-retomada” – vem experimentando mudanças significativas, entre as quais podem ser destacados os avanços tecnológicos, a reafirmação do cinema “de gênero”, as aproximações com a televisão, a abertura para novos mercados audiovisuais, a convivência entre os filmes feitos quase artesanalmente e as produções de grandes orçamentos e equipe técnica especializada, além do aumento das coproduções internacionais. Por isso, como diz a estudiosa de mídias audiovisuais Miriam de Souza Rossini, o cinema brasileiro de hoje não é mais “o cinema da fome, do escracho ou da marginalidade.” Segundo a professora, diversas formas estético-narrativas passaram a ser reconhecidas pelo público, embora nem sempre pelos pesquisadores e críticos de cinema.

A ausência de negras nos filmes nacionais pode ser



facilmente percebida por qualquer espectador atento. Essa baixa representação é demonstrada por pesquisas como “A cara do cinema nacional: perfil de gênero e cor dos atores, diretores e roteiristas dos filmes brasileiros (2002-2012)”, feita pelo Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Para entender os números da pesquisa, é preciso ter em mente que, segundo dados oficiais do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –, metade da população do Brasil se declara preta ou parda, e que chamamos de “negro” a qualquer indivíduo gerado da junção dos dois grupos. De acordo com a pesquisa anteriormente citada, os filmes nacionais de maiores bilheterias exibidos entre 2002 e 2012 contavam, em seus elencos principais, com 14% de homens negros e 4% de mulheres negras. Ou seja, um percentual muito inferior ao das estatísticas do IBGE.

Considerando o cinema como um veículo dotado de grande poder de persuasão sobre o imaginário das pessoas, podemos referendar várias mulheres cineastas como exemplos de resistência, por colocarem em evidência, bem expostas na tela, personagens negras reais e individualizadas. Entre essas cineastas podem ser citadas Adélia Sampaio, Viviane Ferreira, Juliana Vicente, Sabrina Fidalgo, Edileuza Penha, Raquel Gerber, Larissa Fulana de Tal, Luciana Oliveira, Everlane Moraes, Yasmin Thayná, Renata Martins, Érica Sansil, Elen Linth, Lilian Sola Santiago, Carol Rodrigues, Joyce Prado, Carmem Luz, Gabriela Watson, Eliciana Nascimento, Janaína Refem, Thamires Santos, Débora Melo e tantas outras.

Nesse aspecto, algumas questões merecem ocupar nosso pensamento e podem servir como guias numa busca pelo aprofundamento dessa discussão: Qual é o *status quo* dessas cineastas frente aos desafios estéticos do mercado cinematográfico? Como manter as discussões de empoderamento feminino negro na militância e concretizar a teoria nas telas [omitir vírgula] ao realizar tais produções?

Essa situação instiga mais algumas reflexões: onde estão então as diretoras e os diretores negros? Os roteiristas e os roteiristas negros? As atrizes e atores negros? A resposta é: em sua grande maioria, fora do cinema comercial, nas trincheiras do cinema

insecure



independente. Nessas trincheiras de resistência e criatividade vimos surgir, nos últimos anos, algumas iniciativas importantes, como o Curta-Afirmativo [itálico], do Governo Federal (editado que, desde 2012, financia filmes de curta duração dirigidos ou produzidos por jovens negros), e a criação do portal Afroflix [itálico], pela diretora negra Yasmin Thayná (uma plataforma que disponibiliza, pela internet, filmes produzidos, dirigidos, escritos e/ou protagonizados por pessoas negras).

Esses projetos nos mostram que o aumento da representatividade negra no cinema nacional passa, de maneira fundamental, por rearranjos na cadeia de financiamento e distribuição dos filmes. E nos lembram que em uma arte industrial e tecnológica como o cinema, a luta pela representação é, antes de tudo, um embate político e econômico. Até porque, sendo o cinema fruto do trabalho e das relações humanas em sociedade, devido às influências econômicas, históricas e estruturais, somente a formação de novas bases poderá alterar essas relações.

Então, nesse ponto, mais do que representação de mulheres e de homens negros no cinema, poderemos falar da experiência negra nos filmes — ou seja, da presença dos negros diante e por trás das câmeras — não como um fato raro, mas como algo comum. Ao chegarmos a esse ponto, teremos o renascimento de uma forma artística.

Em janeiro de 2016, a Secretaria do Audiovisual lançou o “*Longa Afirmativo*”, edital que destinou cerca de R\$ 3,7 milhões a três longas-metragens dirigidos por cineastas negros. A Agência Nacional do Cinema (ANCINE) ressalta [omitir advérbio] que, em 2013, foi publicado o “Edital Carmen Santos” [itálico], que destinou R\$ 990 mil a dez curtas e seis médias-metragens dirigidos por mulheres ou com temática feminina.

Assim, algumas ações afirmativas vêm se

comprometendo com uma mudança de panorama nos últimos anos, o que é potencializado pelos discursos de personalidades proeminentes, como Lázaro Ramos e Taís Araújo, que trabalham dentro da indústria televisiva promovendo a identidade negra como um valor positivo, e não mais como um motivo de vergonha.

Mulheres negras e o setor audiovisual: é possível ampliar sua visibilidade?

Nos Estados Unidos, muitos seriados de sucesso se basearam na realidade dos negros periféricos e em ascensão. Essa possibilidade já foi considerada pelos países europeus: é indispensável que se questione, sem que haja qualquer esforço ou grande estranhamento, porque as produções audiovisuais brasileiras são, em sua esmagadora maioria, protagonizadas, compostas, dirigidas e produzidas por atores, diretores e produtores brancos?

Mary Jane é uma mulher negra bem-sucedida em Atlanta — a quarta cidade com a maior população de negros dos Estados Unidos — e trabalha como apresentadora de um telejornal. Rica e famosa, desfruta do melhor que cidade oferece.

Na segunda imagem temos Viola Davis, protagonista da badaladíssima *How to Get Away with Murder* (literalmente, “Como se Livrar de um Assassinato”; exibida no Brasil com o bizarro título de “Lições de um Crime”, pela Rede Globo). Na série, a atriz interpreta a advogada criminalista e professora universitária Annalise DeWitt, com uma carreira muito bem-sucedida e [omitir preposição] grande prestígio.

Exemplos como estes ainda são raros na TV e no cinema brasileiros. Pessoas negras, sobretudo mulheres, ainda são retratadas em posições e profissões de pouco prestígio social — quando sequer são retratadas. Por aqui, cinema é entendido como um meio que tem servido a um discurso de opressão, já que torna invisível a mulher negra. Este é um reflexo muito nítido de uma sociedade [omitir vírgula] ainda extremamente racista e preconceituosa. Porém, esse quadro pode ser mudado — assim como a própria sociedade — com a promoção da representatividade e a valorização da imagem negra.

A objetificação histórica imposta às mulheres negras pelo patriarcado subjugou a nossa capacidade política e social de intervir na sociedade. No que diz respeito ao setor audiovisual, a história é, em grande parte, a da luta constante para manter ocultos os aspectos artificiais do cinema e para sustentar a impressão de realidade. Entretanto, o cinema, como qualquer produto da indústria cultural, também representa um campo de luta; e a história do cinema atesta o esforço constante para denunciar este ocultamento. Como se vê, quando se considera a ausência de mulheres negras em filmes nacionais, bem como ossignificados dessa “invisibilidade”, nota-se que ainda são muitos os desafios propostos nesse campo. O que nos cabe é compreendê-los, enfrentá-los e superá-los.



Shonda Rhimes



PAPO DE BAMBÁ COM CLAUDIA ALEXANDRE

por CRIS MOLINA | foto LEONARDO VITULLI

“

QUEM NÃO GOSTA DE SAMBA, BOM SUJEITO NÃO É! É RUIM DA CABEÇA OU DOENTE DO PÉ!”. CLAUDIA ALEXANDRE LEVA A FRASE AO PÉ DA LETRA. NASCIDA EM UMA FAMÍLIA FESTEIRA, A JORNALISTA, RADIALISTA, APRESENTADORA E COORDENADORA DE EVENTOS CRESCERAM SOB A INFLUÊNCIA DE GRANDES SAMBISTAS, COMO MARTINHO DA VILA, ALCIONE, PAULINHO DA VIOLA, ELIZETH CARDOSO, ROBERTO RIBEIRO, JAIR RODRIGUES, ENTRE OUTROS, ALÉM DOS SAMBAS-ENREDOS DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO. “NÃO TINHA COMO NÃO GOSTAR DE SAMBA E ENTENDER O QUE SIGNIFICAVA AQUELE UNIVERSO”, CONTA CLAUDINHA, COMO É CONHECIDA NO MEIO ARTÍSTICO E PROFISSIONAL.

Dos divertidos encontros familiares, surgiu, em 7 de abril de 2012, a ideia do nome do programa Papo de Bamba, como uma homenagem às origens da apresentadora. O convite veio de Di Morais, por intermédio da radialista Patrícia Liberato, amiga desde a Transcontinental FM, Claudia, que nunca tinha feito conteúdos digitais, topou o desafio que tirou de letra. “Em pouco tempo estava gostando desse universo e acho que ele ainda precisa ser mais explorado pelo samba”. Para a jornalista, apresentar o Papo de Bamba é uma forma de ocupar esse espaço e uma oportunidade de encontrar e reencontrar amigos que ajudam a contar a história do samba, que completou 100 anos em 2016. “Não é possível que em um país como o Brasil, não tenha um programa voltado com esse conteúdo na web”, desabafa a apresentadora que aponta para as rodas de sambas.

Questionada sobre os programas que ainda existem nas rádios, Claudia demonstra desapontamento e faz uma análise crítica. “Na Rádio USP, o programa O Samba Pede Passagem, com Moisés da Rocha, sobrevive; a Transcontinental FM tem tocado samba, mas a programação é muito duvidosa, não se ouve os clássicos e, na verdade, às vezes não tem como não desligar o rádio. Recentemente, a Nova Brasil FM colocou no ar um programa chamado Samba Nova e não consigo entender o que eles acham que é samba, pois o que mais toca é Chico Buarque e Gonzaguinha, e eu sempre me pergunto: cadê o samba?”.

Se a televisão e o rádio não abrem muito espaço para o samba, a internet parece estar disposta a ser o canal para isso; segundo a jornalista, o samba é uma riqueza que conta a história de parte da sociedade brasileira e de onde ela veio. “Quando se discute sobre a cultura afro-brasileira eu sempre digo: é afro porque a escravidão trouxe o povo negro pra cá e eles vieram escravizados da África, portanto, negro é raiz afro; e é brasileiro porque assim o somos”. Para ela, esse é o valor que existe no samba, reconhecer que houve luta, resistência, negociação, transformação, contribuição e hoje busca respeito. “A questão racial ainda é um problema para o Brasil, para nós; isso só se resolve

com o fim das desigualdades e do racismo. Estudo sobre as matrizes africanas, não porque acho que sou de África, mas porque eu quero essa história contada direito”.

Claudia fala que a desvalorização do samba se dá por vários motivos. “Ele é autenticamente brasileiro e somos uma cultura estruturada no que é de fora. Sempre estive à margem; é das massas, é cultura negra, saiu das periferias, dos morros. Temos e sempre tivemos grandes talentos, sambistas que foram aceitos pela indústria cultural, mas pouco valorizados. Os melhores momentos do samba estão associados ao modismo, como foi na década de 80 com o surgimento do Fundo de Quintal e do Zeca Pagodinho e depois nos anos 90, com grupos de pagode”, conta a apresentadora que diz que o samba está aí desde sempre. “O que fica é: o samba agoniza, mas nunca morre!”.

Sim, Claudinha é das que engrossam o coro de Alcione ao cantar “Não deixe o samba morrer!” e se depender dela, o samba não morre não! Danilo Morais, sócio da Agência Azza, apoiadora do Papo de Bamba, concorda e faz coro: “Fizemos um estudo de mercado e verificamos que o samba tem muito potencial e aceitação com o público”, contou Morais. O estudo aponta que o Brasil é um país em que 70% de sua população ouve música; desses, 44% escutam samba - um número promissor para o mercado dos negócios. O empresário mostrou-se muito otimista e acredita que com a mudança no quadro da crise econômica brasileira, os investimentos no

gênero devem aumentar e, conseqüentemente, ajudar a alavancar o programa.

Claudia também acredita que para o samba ter o seu valor reconhecido, o sambista precisa encontrar um caminho autossustentável, pois o tempo das gravadoras e grandes empresários já passou. “Sei de artistas como Jorge Aragão, Zeca Pagodinho e Alexandre Pires que há muito tempo cuidam de suas carreiras e do próprio negócio. Agora, só falta eles também investirem nesse mercado; irem além de apenas gravar músicas dos compositores sambistas e concorrer com a indústria cultural, participando desse mercado. Em relação ao samba, está totalmente aberto. Acredito nisso”.



...O BRASIL É UM PAÍS EM QUE 70% DE SUA POPULAÇÃO OUVE MÚSICA; DESSES, 44% ESCUTAM SAMBA - UM NÚMERO PROMISSOR PARA O MERCADO DOS NEGÓCIOS.





MARANHÃO

por MATEUS COSTA MAGALHÃES | foto LUIZ HENRIQUE FONTES





Estado essencialmente negro, o Maranhão tem **74,2%** de sua população auto identificada como preto ou parda, morando nas cidades, porém a grande maioria habitando em comunidades rurais pelo interior do Estado.





Das mais de mil comunidades remanescentes de quilombos, **apenas**

682

são oficialmente reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares, com a certificação de auto identificação da comunidade.



Seja na cidade ou no campo,
**essa população mantém
suas tradições e culturas,**
manifestada na

música, religião e culinária,

com um forte sentimento
de pertença à
ancestralidade africana.





Tambor de crioula, bumba-meu-boi, dança de São Gonçalo, do coco, maculelê, cacuriá, capoeira, festejos dos santos padroeiros, tambor de mina, vatapá, acarajé, caruru, mungunzá, sarapatel **são as diversas manifestações culturais do povo negro e guerreiro que ainda preservam com bastante força suas danças, religião e culinária.**



A PRESENÇA DA CULTURA NEGRA NA VIDA E NA OBRA DO MALUCO BELEZA

“Há muito tempo atrás, na Velha Bahia,
Eu imitava Little Richard e me contorcía [...]”

— Raul Seixas, na canção “Rock’n’Roll”, incluída em seu último disco, gravado com Marcelo Nova, *A Panela do Diabo*, de 1989.

por DRAGO | foto DIVULGAÇÃO/REPRODUÇÃO

É

UMA COISA QUASE INEVITÁVEL. PELO BRASIL AFORA, QUANDO SE VAI ASSISTIR A UMA APRESENTAÇÃO MUSICAL AO VIVO — DE QUALQUER GÊNERO DE MÚSICA, DESDE UMA AMIGÁVEL PAGODEIRA, NAS PROFUNDEZAS DE ALGUM QUINTAL, ATÉ UM FORMAL CONCERTO DE CÂMARA, EM ALGUM “CENTRO CULTURAL”, BEM LOCALIZADO OU PERIFÉRICO, EM ALGUMA CIDADE GRANDE OU NEM TANTO — E, LÁ PELAS TANTAS, ALGUÉM DA PLATEIA GRITA: “TOCA RAUL!”

O que já se tornou uma espécie de “grito de guerra” de uma classe marginalizada (ou, ao menos, estigmatizada) evoca, de certo modo, as origens de um tipo de música tão associado a um comportamento social que, de tão banalizado se torna até engraçado. Do mesmo modo que, certa vez, nos fez rir — a nós, brasileiros; e, em particular, paulistas — o gaiato que bradou “Vai, Corinthians!”, num distante Primeiro de Maio, em plena Praça Vermelha, em Moscou, durante um desfile militar em comemoração pelo Dia do Trabalhador.

Esse, acima descrito, é o comportamento social do sujeito irreverente; um espírito anárquico, que antes de afrontar (ou, pior, confrontar) a quem ou ao que quer que seja, prefere apontar que “a roupa nova do rei” simplesmente não existe. Ou que, de tão ridícula, não deve ser levada a sério. Ao gritar em público, não importa o sotaque; mas, sim, o grito. Quando nos privou de sua sempre agradável companhia, em 1989 (tenho certeza de que involuntariamente), Dom Raulzito nos deixou, a título de herança, seu grito e sua gaiatice; coisas com as quais temos muito a aprender. Ele mesmo as aprendeu a duras penas, pois, de modo geral, a vida não é muito fácil para quem é cordial, por natureza.

Em 1936, Sérgio Buarque de Holanda (o pai do Chico) foi — e continua a ser — muito mal interpretado quando afirmou, em seu livro *Raízes do Brasil*, que o brasileiro seria um “homem cordial”. “Cordial”, todos sabemos, refere-se ao coração; e o coração, também sabemos bem, costuma opor-se à razão, por ter, de maneira autônoma, razões que a própria razão desconhece (só para citar outro famoso bardo).

Contrariando as convenções sociais da época e do lugar em que viveu, Raulzito foi um homem cordial. Verdaderamente apaixonado por sua arte, ele simplesmente não enxergava barreiras ou distinções que o “senso comum” (conceito autocontraditório, pois “senso” se refere aos sentidos e às suas maneiras de funcionar em cada indivíduo; não podendo, portanto, ser “comum”, uma vez que cada indivíduo é diferente dos demais — por ser, evidentemente, “individual”) impunha à vida e ao cotidiano das relações sociais.

Um autêntico rocker tropical, Raulzito, desde o princípio, incluiu no desenvolvimento de sua vocação artística elementos típicos da cultura e da identidade dos negros — de todo modo, imprescindíveis para o que ele se propusera a fazer. Superficialmente, houve quem o identificasse (ou, pior, o rotulasse, para melhor tentar digeri-lo) como uma espécie de “Elvis brasileiro”. Não que isso o desonrasse, ou mesmo pudesse ofendê-lo; mas pouca gente — mesmo entre os que assim o definiram — sabe que Elvis, o “original”, só veio a ser o que foi depois que um atento produtor disse que ficaria rico se viesse a encontrar um branco que cantasse como um negro. Hoje, sabemos que “as preces” do tal produtor — Sam Phillips, da gravadora Sun Records, de Memphis, Tennessee — foram mais do que bem atendidas; e, ainda que ele não tenha ficado rico, o mundo inteiro lhe rende graças.

Tal como Elvis, Raulzito era o tipo de sujeito que deixava-se permear pelos ouvidos, antes que pelos olhos — desde que tudo tivesse passado, naturalmente, pelo coração. Mesmo não sendo negro, Raulzito nasceu em uma cidade cuja população era (e ainda é) constituída por mais de 80% de indivíduos com ancestralidade negra: Salvador, na Bahia. E, tal como o próprio rock’n’roll — descendente direto do rhythm’n’blues e do blues —, suas origens musicais eram inconfundivelmente negras.

Se etnia fosse documento discriminatório (digamos que não seja), Raulzito seria preto por formação. Seu grande amigo de infância e incentivador (também parceiro, cúmplice e companheiro de zoação) musical foi o “pardo” Waldir Serrão — mais tarde, convertido em compositor, radialista, apresentador de TV e produtor musical de muita gente boa. Sua primeira tentativa de profissionalização deu-se em companhia da dupla de irmãos — igualmente “pardos” — Thildo e Dêlcio Gama, chamados coletivamente como os “Relâmpagos do Rock”. Daí, o grupo incluiu novos elementos, passando a chamar-se “The Panthers”, e, alguns aperfeiçoamentos depois, “Raulzito e os Panteras”. “Panthers”, ou “Panteras”, eram todos felinos preto, ou “pardos”; pois viveram — enquanto duraram — no “escuro” da marginalização a que são relegados os talentos enquanto não “se enquadram” na vala do “senso comum”, na qual todos os gatos são indistintamente pardos.

Raulzito era baiano; aliás, muito orgulhosamente. Mas não era, como ele mesmo dizia, um baiano “folclórico”, daqueles que usam fitinhas do Senhor do Bonfim e incorporam elementos africanos “sanitizados” em sua obra. E, ainda que tenha mantido um relacionamento saudável com outros baianos, seus contemporâneos, como “Os Novos”, ele soube manter um distanciamento — por vezes acidamente crítico, mas jamais ofensivo — que lhe permitisse viver sua própria identidade artística, forjada e consolidada, desde os primórdios, junto às plateias do Cinema Roma, em Salvador, para onde afluíam os caminhoneiros e as empregadas domésticas (quase invariavelmente negros, todos), em vez dos frequentadores do Teatro Vila Velha (quase invariavelmente brancos), que assistiram ao nascimento da Bossa Nova e contribuíram para a criação do infame rótulo de “novo jazz”, vulgarmente conhecido como “macumba para turista”.

Curiosamente, o primeiro grande sucesso comercial de Raulzito, gravado em 1973, foi “Mosca na Sopa” — um “ponto” de umbanda misturado com rock’n’roll visceral, que até hoje mexe com os sentidos de qualquer um que o ouça. Nas casas em que morou, Raul sempre manteve as paredes decoradas com fotografias emolduradas de seus ídolos — com a “exceção” de Elvis, todos negros: Chuck Berry, Little Richard, Muddy Waters, Luiz Gonzaga e por aí afora. “No matter if it’s black or white”, diria Michael Jackson, muito tempo depois, tendo chegado à mesmíssima conclusão: o que importa é ter algo a dizer; de preferência, acompanhado por boa música. Assim sendo, “Toca Raul!”

REINALDO O PRÍNCIPE DO PAGODE:

“A melhor safra do samba foi a dos anos 80.”

por CLAUDIA ALEXANDRE | fotos DIVULGAÇÃO CAIO REIS



S

AMBISTA DA BOA GERAÇÃO DOS PAGODES DOS ANOS 80, O MANGUEIRENSE, CARIOCA, REINALDO GONÇALVES ZACARIAS, O “PRÍNCIPE DO PAGODE” TEM VIVIDO FORTES EMOÇÕES. AOS 63 ANOS DE IDADE, EM MEIO ÀS CELEBRAÇÕES DOS 30 ANOS DE CARREIRA, TEM SE ESFORÇADO PARA CUMPRIR A AGENDA DE SHOWS E CUIDAR, COMO NUNCA, DA SAÚDE. FOI ASSIM QUE FOMOS ENCONTRÁ-LO PARA A ENTREVISTA EXCLUSIVA PARA A REVISTA RAÇA. ELE FALOU DURANTE UMA INTERNAÇÃO TEMPORÁRIA, EM UM CONCEITUADO HOSPITAL PAULISTA, PARA ATENDER À RECOMENDAÇÃO MÉDICA E AO TRATAMENTO CONTRA UM CÂNCER DE PULMÃO DIAGNOSTICADO HÁ DOIS ANOS.

Sem demonstrar nenhum sinal de abatimento e com um bom humor característico, ele ainda é aquele que prefere falar de amor. E de tristeza nem pensar!

Radicado em São Paulo, desde 1983, se consagrou com seu estilo romântico, e conquistou uma legião de fãs com sua voz rouca, suave e o jeito sorridente de cantar. Foi bem na época em que o samba ganhou um fôlego especial e marcou a vida de muitos artistas, que, assim como ele, estavam em início de carreira. “Com certeza os anos 80 nem se comparam a época nenhuma. Foram os anos dourados do samba”, diz o cantor.

Apesar de dizer que muita gente associa o apelido ao movimento do pagode dos anos 90, ele diz que isso é o que menos incomoda. “O que eu penso é no tapete vermelho, no brilho, sinto-me um príncipe do samba mesmo”. (risos).

Mas a crítica ao movimento do pagode 90 é inevitável: “Eu às vezes olho a garotada fazendo essas músicas que a gente ouve por aí hoje e digo: poxa, parece que esses meninos não tiveram infância. Porque antes os mais novos aprendiam com os mais velhos. Eles cantam samba, mas não cantam Reinaldo, Almir, Zeca... Eu fico pensando: será que é sacanagem (eu acredito que não!) ou é falta do quê? Sei lá, parece que querem que esqueçam a gente. Fico só vendo, ninguém se espelha no Almir Guineto, não é possível ninguém se espelhar no Arlindinho Cruz. Tem alguma coisa errada”, disse.

Reinaldo tem autoridade suficiente para dizer que se os sambistas “de verdade” se rendessem ao “pagode dos

anos 90” teriam desaparecido, como muitos grupos. “E não tem como discutir. Os anos 80 foi o momento máximo do samba. Como não teve outro. Surgiu a melhor safra de sambistas e de sambas que já existiu. Muitos dos meninos, que hoje chegam às rádios, e alguns na época até foram pra televisão, foi porque nós viemos antes e abrimos as portas pra eles entrarem. Até a década de 80 não se ouvia sambas nas FMs, por exemplo, e aqui em São Paulo chegamos a ter até uma concorrendo com a outra.

A verdade é que naquele tempo, a maré estava boa para todo o mercado da música. As gravadoras estavam faturando alto com o que se convencionou chamar de música pop. Com os artistas, maioria do rock nacional, atingindo alta vendagem de discos, a indústria fonográfica começou a ver nos sambistas uma oportunidade de expandir ainda mais as vendas. No Rio de Janeiro, o forte eram as rodas de samba onde Fundo de Quintal, Zeca Pagodinho, Almir Guineto, Marquinhos Satá, Dona Ivone Lara e Jovelina Pérola Negra, entre outros bambas circulavam com sucesso e traçaram uma rota musical no eixo Rio-São Paulo.

“

SEMPRE ME DEI BEM CANTANDO AS COISAS DO AMOR. GOSTO MUITO DE FALAR DE AMOR. MAS DEPENDE DA FORMA EM QUE VOCÊ FALA DE AMOR. HOJE ESTÃO BANALIZANDO DEMAIS. E EU, POR EXEMPLO, FUJO CADA VEZ MAIS DA MÚSICA PRÁTICA.

”

Reinaldo já seguia essa onda fazia muito tempo. Nascido no bairro de Cavalcanti, na zona norte do Rio, flamenguista e mangueirense “doente”, ele foi uma espécie de cria da escola de samba Em Cima da Hora, da qual seu pai Oscar Zacarias era um dos dirigentes. Apesar da educação rígida, da casa onde morava com os pais (a mãe dona Olinda) e os dois irmãos, Renato e Glória, Reinaldo gostava mesmo era de samba. Chegou a servir o exército, onde optou pela brigada paraquedista. A ideia era servir em uma área que tivesse o menor tempo de alistamento.



Mas o que ele não esperava era ingressar em um serviço com os mais severos exercícios do exército brasileiro. “Nunca apanhei tanto”, comenta aos risos. Sobre a habilidade com o paracadedas ele garante que foi um bom saltador: “Treinei e saltei umas duas vezes, para me formar. Eu gostava de saltar. Mas o que interessa é que deu certo. Fiquei lá por uns 8 meses”.

De volta à rotina e com boas amizades no meio, enquanto fazia apresentações com o grupo Samba Nosso de Cada Dia, também aceitava convites para acompanhar sambistas como Dona Ivone Lara, com quem viajou muito pra São Paulo. “Eu sempre cantei. Meu negócio era cantar, desde pequeno. Todo mundo sabia que eu cantava. O pessoal me chamava porque eu tocava, mas cantava muito. Eu acompanhei por muito tempo Dona Ivone Lara. Fiquei com ela 5 anos. Eu tocava pandeiro só batida, não era bom. Eu acompanhava o artista, mas não era bom não”, confessou.

UM PRÍNCIPE NO SAMBA

Quando ia para São Paulo como músico da Dona Ivone Lara, Reinaldo ficava impressionado com o público que lotava os shows da sambista. Também na década de 80, surgiam na cidade alguns bares com música ao vivo. Ele logo pensou na oportunidade de levar o movimento das rodas cariocas para a cena paulista. O resultado foi que ele

abandonou o emprego como bancário e se instalou em São Paulo. “Em 1985 decidi vir pra cá, mas não era pra gravar. Eu queria era montar um lugar com pagode e roda de samba. Eu frequentava muito Pinheiros e Vila Madalena, tinha o Bar Balancê e o Bar do Buru, muita gente boa fez samba ali”.

Tudo aconteceu muito rápido. Reinaldo passou a frequentar os bares e participar de rodas de samba. Foi morar na Bela Vista, bem ao lado da escola de samba Vai-Vai, mas passou a integrar outro reduto de samba, a Camisa Verde e Branco, na Barra Funda. O modelo deu certo e ele passou a ser o principal responsável pelo trânsito de composições dos sambistas do Rio e de São Paulo. Muitas músicas inéditas eram distribuídas nas rodas de samba e iam parar nos discos. Foi um intercâmbio muito importante.

RETRATO CANTADO DE UM SUCESSO

Com contrato assinado, Reinaldo entra no mercado profissional lançando o primeiro disco em 86, “Retrato Cantado de um Amor”, música de Adilson Bispo e Zé Roberto. “Veja bem/nosso amor é perfeito/pois até nos defeitos/ sabemos nos superar”... “Essa música é tudo pra mim. Até hoje, é só começar a cantar e todo mundo vem junto. Ela é única. É a minha vida”, emociona-se.

Para ele, o sucesso de um disco está na escolha do repertório por completo e não numa música boa apenas. Mas o bom samba mesmo tem que ser romântico e cheio de poesia, com letras bem elaboradas e arranjos que valorizem a música. “Pra mim não tem erro”, diz ele. “É lógico que depende do assunto e do artista. Pra mim geralmente é amor. Sempre me dei bem cantando as coisas do amor. Gosto muito de falar de amor. Mas depende da forma em que você fala de amor. Hoje estão banalizando demais. E eu, por exemplo, eu fujo cada vez mais da música prática. Vou atrás de melodia rebuscada. E da boa melodia, da boa letra. Não sei explicar, mas eu sei quando o samba é bom”. (risos).

Mas essa sinceridade na hora de escolher repertório já lhe rendeu alguns “apertos”. “Eu aceito muitas opiniões, mas nunca falhei em nenhuma. No meu último disco pro selo Zimbabwe, o produtor Jorge Cardoso e o Bira Havaí, que tinha produzido o disco anterior, levou-me uma música dizendo que eu tinha que gravar. E mostrou a música “vinha caminhando no meu carro, no rádio uma canção de amor tocava...”. Aí eu disse: pode parar. Eu não vou gravar este samba. É muito ruim. Aí foi aquele silêncio, até que o Bira Havaí me olhou e disse: é que esse samba é do Jorge Cardoso, aí... e o Jorge olhou pra mim e eu não tive jeito. O samba era ruim mesmo!”.

“Gravadora sempre foi um mal necessário. Eu sou muito questionador, trabalho muito. E é uma troca. O meu trabalho, dependendo do que eu esteja fazendo pode até ser um favor para a gravadora. Se eu não apareço, não conquisto o público, não vai vender. Então teve coisa difícil”, disse.

O último contrato com a gravadora não acabou muito bem. “Eu tinha escolhido a música ‘Agora viu que me perdeu e chora’, para ser a música de trabalho. A gravadora queria outra música. Saiu tocando e não virou. Aí numa rádio, eu falei da minha preferência e eles tocaram a que eu pedi. A gravadora queria que eu voltasse atrás. Eu disse que não. Na verdade quase acabou com a minha carreira. Eles simplesmente não trabalharam e ainda recolheram todos os discos. Pensei que ia ser o fim. Acabou o contrato com a gravadora em 2005. Fiz o meu, e comecei a tocar e tô aqui até hoje. Até agora chego ao pagode, canto a música e todo mundo vem junto. Assim, fiquei cuidando de tudo sozinho, do jeito que eu quero”, explicou.

Mesmo com a decisão difícil e os altos e baixos do mercado, Reinaldo disse que não parou um só segundo de trabalhar. Só pra provar, continuou produzindo os discos, fiel ao seu repertório e falando cada vez mais de amor. “Daí é assim, eu faço, produzo, banco tudo, coloco no selo e lanço. Não tem mais esse negócio de gravadora. Mesmo assim as coisas mudaram muito. Os caras colocam na internet e todo mundo tem acesso. É legal, quando tudo dá certo. Porque na vitória você vê que pode. Mas tem a coisa de investir nas rádios. Infelizmente aí quem tá sozinho perde. Mas eu não perdi nada. Tenho muitos amigos. A vantagem



da gravadora se resumia nisso: você ouvir logo a sua música tocando, uma entrada no Faustão... isso tudo é poder da gravadora. O artista não consegue porque não tem dinheiro. Fico pensando que não há vantagem de um artista mediando investir em rádio. Acho uma covardia”.

O CD/DVD 30 Anos de carreira, lançado no ano passado, tem servido como repertório do show que tem feito pelo Brasil. “São as melhores músicas, desde a década de 80. Eu faço homenagens ao Almir Guineto, ao Arlindinho Cruz, ao Emílio Santiago e o Roberto Ribeiro. Sambistas que são a nossa história e eu também sou fã, né? A música que eu dedico ao Almir é um samba inédito, chamado ‘Sambista de Fato: Almir Guineto’, música de Helinho do Salgueiro. Roberto Ribeiro não podia faltar, a minha preferida sempre foi Vazio. ‘Está faltando uma coisa em mim/ E é você amor/ tenho certeza sim/ nossos momentos foram algo mais/ sem eles hoje eu/ não tenho paz...’”, revelou Reinaldo.

30 ANOS DE SAMBA: REINALDO, O PRÍNCIPE DO PAGODE

- 2013 – Reinaldo e Seus Convidados*
- 2011 – Reinaldo – Canto do Rei*
- 2009 – Reinaldo (DVD)*
- 2004 – Pra Sambar*
- 2001 – Pagode Pra Valer 4 e 5*
- 2002 – Reinaldo, 15 anos de samba*
- 2001 – Pagode Pra Valer 3*
- 2000 – Reinaldo e Seus Convidados – Pagode Pra Valer 2*
- 2000 – Os Melhores do Ano II – Ao Vivo*
- 1999 – Pagode Pra Valer 2 (Disco de Ouro)*
- 1997 – Traz de Volta a Paz*
- 1990 – Coisa Sentimental*
- 1991 – Papel Assinado*
- 1988 – Reinaldo*
- 1987 – Aquela Imagem*
- 1986 – Retrato Cantado de Um Amor*



REINALDO POR REINADO

Política – “Estou muito preocupado, principalmente quando ouço muita gente pedindo o militarismo de volta. Não sei como é que vai ser. Mas o Brasil precisa mudar e rápido, em tudo, pra gente não sair perdendo. Como podem achar, por exemplo, que a violência pode acabar. Na minha época do exército, fomos visitar um presídio agrícola e vi todo mundo trabalhando. É uma chance. Hoje tem preso e diretor de presídio, parece até a mesma coisa, não fazem nada. Não tem como vc encarar um filho seu e dizer que vai mudar.”

Racismo – “Eu já passei muito. Enfrento ainda porque estamos aqui. Eu vejo as coisas acontecendo e eu não entendo como estamos em 2017 e o racismo ainda acontece por aí. Sei que é pior para a mulher negra, porque além do racismo tem o assédio sexual, o abuso sexual. Penso demais e faço meu trabalho, mostro com o meu trabalho, mas não vejo como isso pode acabar... Uma vez comprei um carro, saí com ele pra dar uma volta. Você acredita que um cara branco me reconheceu e teve a coragem de gritar (passando o dedo no braço): ‘Reinaldo, tá legal, hein, vou virar cantor também’. Como pode não valorizar o que a gente caminhou. Eu andei muito de trem, teve show que se não fossem me buscar eu não tinha carro pra ir, só quem trabalha sabe.”

Bambas – “Almir Guineto, Serginho Miriti, Arlindo Cruz, Sereno, Dêlcio Luiz, Dona Ivone e Cartola (toquei com Cartola três vezes). Cartola dizia: ‘Não precisa ter pressa, samba bom chega a qualquer lugar’. O que ele queria dizer é que era pra não correr, não fazer bobagem. E eu uso isso que ele me ensinou, é minha norma também. Dona Ivone me ensinou a ter uma boa relação com os músicos que me acompanham. Dona Ivone era incrível, ela tratava os músicos dela como se fossem filhos. Ela sempre me tratou como filho.”

Família – “Minha filha Bianca está com 22 anos. É a minha vida, a minha alegria. Quando fiquei sabendo da doença, foi a primeira coisa que eu pensei. ‘Poxa, Deus, não me chama agora, não! Não vai dar, deixe ver minha filha se formar em Medicina’. Ela está estudando na Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo, vai ser neurocirurgiã. Ela está toda feliz e eu também. É uma coisa que eu queria muito. A gente tem uma relação legal, é uma alegria ver sua filha encaminhada. Nossa relação foi muito corrida, sempre viajando. Ela entendia direitinho. Hoje mesmo ela fica contente quando a gente conversa. Desde pequena sempre gostou do que eu faço. É fã! De mim, do Aragão e do Arlindo.”

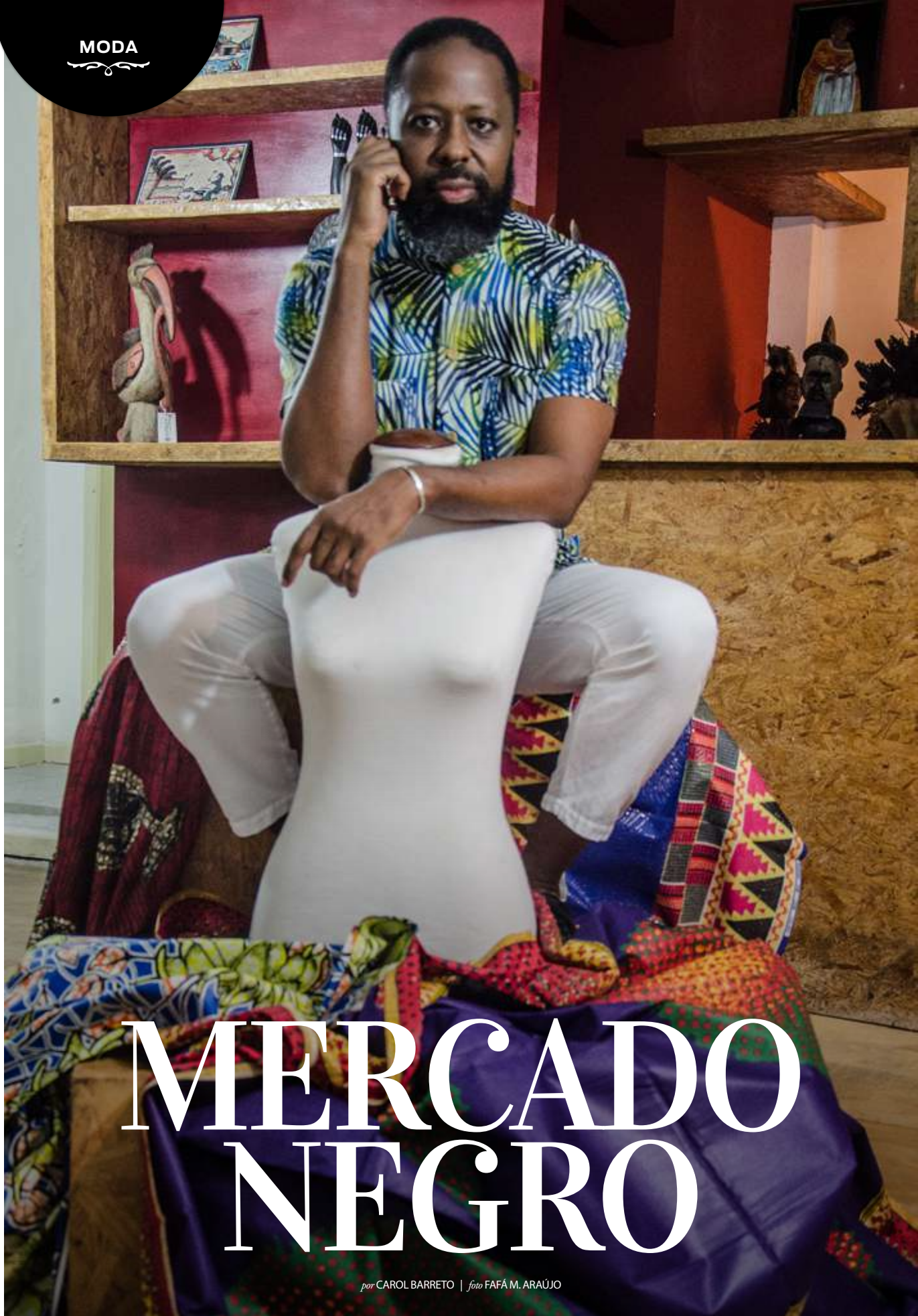
Escola de Samba – “Sou da Estação Primeira de Mangueira e, em São Paulo, minha família é o Camisa Verde e Branco.

Fui muito amigo do presidente Tobias. Mas hoje vejo que tá muito mudado. A escola de samba surgiu como um lugar para as famílias negras se encontrarem. Sou do tempo em que a quadra era enfeitada com bandeirinha. Hoje os próprios integrantes não se conversam. Fico triste em ver que harmonia não conversa com bateria, mestre-sala não conversa com diretor e por aí vai. Não pode ter essa divisão. No Rio de Janeiro vejo uma relação de muito respeito, todo mundo sabe que o outro também sabe. Tem que ter respeito. É a nossa cultura.”

E o samba – “Eu sempre digo que olho toda essa gente jovem do samba e pergunto: aprendeu com quem? Eu não escondo de ninguém que eu quando comecei imitava mesmo o Roberto Ribeiro, pra mim o maior sambista e intérprete de samba de todos os tempos. Gostaria mesmo de ver essa garotada dizendo que se espelha em alguém da velha-guarda, da raiz. Alguém que venha se espelhando no Zeca, no Reinaldo, no Almir Guineto... tem um samba aí que precisa continuar, mas infelizmente não está sendo assim. Mas vamos ver o que dá. Não tem colheita sem plantação.”



MODA



MERCADO NEGRO

por CAROL BARRETO | foto FAFÁ M. ARAÚJO

NUMA CONVERSA RIQUÍSSIMA, TANTO EM VOCABULÁRIO COMO EM CONTEÚDO E EXPERIÊNCIA DE VIDA, RENATO CARNEIRO FALA SOBRE MODA E SUAS FORMAS DE ENSEJAR O ENFRENTAMENTO AO RACISMO, POR MEIO DO TRABALHO CRIATIVO. RENATO É GRADUADO EM DESIGN DE MODA E GESTÃO PELA UNIVERSIDADE SALVADOR E GRADUANDO EM ARTES PLÁSTICAS NA ESCOLA DE BELAS ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS TEM SE DEDICADO A UMA VASTA PESQUISA SOBRE ESTÉTICA, MAIS ESPECIFICAMENTE ESTÉTICA AFRO-BRASILEIRA, RELACIONADA AO VESTUÁRIO. ATUA COMO CENÓGRAFO E CRIADOR DE MODA, É TAMBÉM SÓCIO-PROPRIETÁRIO DAS LOJAS KATUKA MERCADO NEGRO E KATUKA AFRICANIDADES, ESPAÇOS RECONHECIDAMENTE DE REFERÊNCIA EM CULTURA, RELIGIOSIDADE E MODA NEGRA NO BRASIL, SITUADAS NO PELOURINHO, CENTRO HISTÓRICO DA CIDADE DE SALVADOR - BA.

Como você analisa o seu trabalho e trajetória profissional no contexto da moda brasileira?

A estrutura que compõe o universo da moda está estritamente ligada às construções sociais modeladas na contemporaneidade. Nesse sentido, consciente da tensão nas relações raciais existente no Brasil, para que o meu trabalho pudesse existir, foi preciso construir uma trajetória paralela no contexto da moda, buscando sinais que remetessem a visibilidade negra no exercício do vestir, considerando, fundamentalmente, elementos das áfricas ancestrais, das áfricas contemporâneas e das diásporas.

No Brasil, a população negra, em decorrência da escassez de políticas públicas específicas para o seu desenvolvimento integral, e frente ao racismo estrutural persistente entre nós, cria em vários contextos, enfrentamentos produtivos que se desdobram em alternativas de empreendedorismo. Essa é uma das linhas

políticas, associada a outras estratégias complementares, que inspira o movimento negro no Brasil e no mundo. O trabalho que realizo, na Katuka Africanidades, segue esses passos. Objetiva a composição de uma trama que busca conectar aprimoramento técnico, história das áfricas e concepções do pensar negro ancestral, diaspórico e contemporâneo. Uma moda arte, construída com referências plurais, que rotula a marca com o termo Africanidades. Esse conceito sintetiza o nosso propósito: um leque de nós para nós, em conectividade com o mundo contemporâneo.

De que modo você materializa no seu trabalho a luta antirracista ou outras pautas políticas como equidade nas relações de gênero, LGBT fobia e etc?

Mantenho uma conexão real e constante com essas comunidades e suas principais pautas. A escuta é fundamental nesse processo, uma escuta sensível. Um dos momentos mais importantes para o processo criativo é minha interação com as pessoas que vestem a roupa Katuka. Não raro estou na loja, atento à sensação de quem prova uma peça da marca. Procuo perceber os desejos, a satisfação, a dúvida e as inseguranças apresentadas pelos clientes. Esses discursos fazem parte do meu planejamento, sempre.

Assim a marca Katuka tem na sua concepção um compromisso socio-político junto à comunidade negra, de mulheres negras e do público LGBTT, que nos faz considerar a inserção destes sujeitos, em suas diversas expressões políticas e corporais. Procuo com o meu trabalho contemplar um pouco do plural que somos; negros, gays, negras, lésbicas, trans, magras, idosos, crianças, gordas, jovens... Nessa perspectiva, a marca lançou recentemente uma coleção voltada para o público infantil e também vestiu homens negros trans para um evento de afirmação da visibilidade trans. A imersão, em diferentes aspectos do universo cultural destas comunidades, faz com que haja sempre um material vasto para o desenvolvimento de processos criativos e oferece legitimidade e consistência aos produtos que a marca apresenta.

Sempre com muita pesquisa e inventividade, destaco a 'Coleção Alfabeto Infinito', que tem inspiração nas escritas africanas e revela a riqueza gráfica e conceitual deste acervo. Os africanos criaram 90 sistemas de escrita em cinco mil anos. A inventividade desses alfabetos é o mote da coleção que mescla estética e conhecimento.

COLEÇÃO ALFABETO INFINITO

Criação, Pesquisa e Design: Goli Guerreiro - Renato Carneiro

Design Gráfico: Bruno Costa

Fotografia: Arlete Soares

Assistente de Fotografia: Cairé Brasil

Modelos: Ayala – Caroline Reis – Makito Santos

Produção Executiva: Wanderson Pereira - KatukaAfricanidades

Maquiagem: Susan Almeida

Execução do Figurino: Marly Falcão

Confecção de Joias: Eduardo Santos - Kayala Joias de Axé

Localção: Salvador da Bahia, Ladeira da Preguiça - Galeria de grafites dos artistas ligados ao Centro Cultural que Ladeira é Essa?

Apoio: Centro Cultural que Ladeira é Essa?







ALEXANDRA BALTAZAR

Alexandra Baltazar tem 46 anos, já com um pé nos 47! Nossa leitora já fez duas faculdades e já está querendo fazer uma terceira, talvez graduação em moda. Ela não para! Chefe de Seção, tem dois filhos que chama de "Minha VIDA LOKA I e II". Com eles, o marido perdeu o posto e ficou em terceiro lugar! Alê tem uma página no Insta e no Face, aonde posta sempre os seus looks do dia porque sentia falta de uma página assim só com pessoas negras. "Quando a gente entra nas páginas de dicas de moda do Insta quase não se vê modelos negros, então resolvi fazer a minha página com meu estilo e estou amando! Quase não tenho seguidores, mas mesmo assim me sinto muito bem com a página" diz nossa leitora. E ela está sempre tentando aprender um pouco mais, sempre disposta e batalhando muito pelo universo da moda!



BEATRIZ SOUSA MENDES

Beatriz Sousa Mendes é o nome da nossa leitora que tem apenas 18 anos e já esbanja muita beleza e atitude. Moradora de Guarulhos - bairro dos Pimentas, ela faz cursinho para tentar uma Faculdade Federal (USP, UNICAMP); quer ser professora de História, mesmo contrariada pelos pais. Beatriz não desiste do sonho dela. Começa a batalha já cedo, trabalha como Menor Aprendiz em uma grande editora em Guarulhos. Fala inglês fluente além de adorar fazer "makes" (como vocês podem perceber) e colorir os cabelos, que já foram castanhos e enorme. Ama dançar, além de ser muito inteligente, esforçada e, claro, bem fotogênica.



MARIAH VALENTINA

Mariah Valentina é essa pequena de apenas 3 anos que já arrasa! Ela é modelo mirim e gosta muito de dançar e cantar. É o xodó da casa, a mamãe de Mariah não sabe onde colocar tanto orgulho dessa mocinha.



PALOMA PEREIRA

A pequena Paloma Pereira parece que nasceu para as câmeras. Aos 3 anos já é artista mirim, adora fotografar e desfilar. Além disso, já conquistou o terceiro lugar no concurso Revelação da Internet. Com seus cachos e sua graça exibe esse sorriso lindo por onde passa, e acredite: Vocês ainda vão ouvir muito falar desta bonequinha!



KAROLYN TEODORO

Karolyn Teodoro é nossa jovem leitora de 16 anos, além de esbanjar muita beleza e charme, Karol ainda é uma artista! Ela adora cantar, tirar fotos e estar no meio do público. Ela gosta de ousar bastante na maquiagem, no cabelo e nas roupas. A mãe coruja Daniele sempre a incentiva e apoia os sonhos da filha e amiga. As duas são leitoras da Raça há muito tempo, uma tradição que passou de mãe para filha.



EDNA

Essa é nossa leitora Edna. Com 46 anos, ela promete ser a cabeleireira dos nossos sonhos. Sempre alegre e divertida, Edna cativa seus clientes do mesmo modo que tem muita disposição para os 4 filhos. Edna mandou sua foto para nós para lembrar o quanto nosso povo é guerreiro e batalhador, mas sempre com força para vencer os desafios.

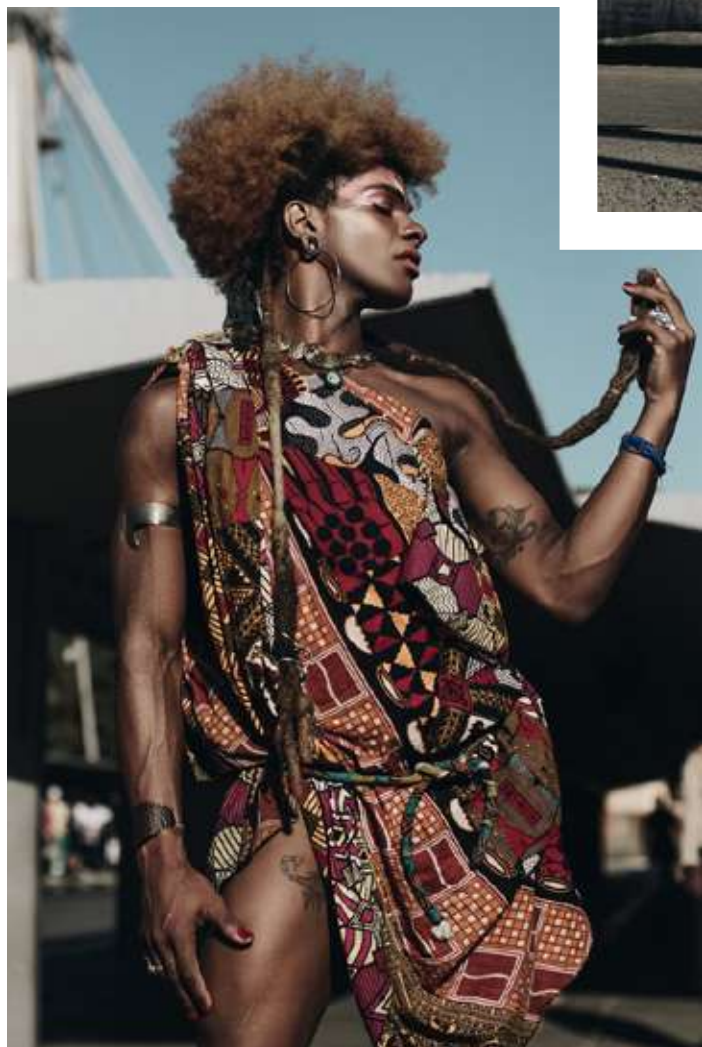
NEGROS

EM MOVIMENTO

Ocupação Afro Futurista

Em agosto aconteceu na Bahia a Ocupação Afro Futurista na Estação da Lapa, ponto icônico da revitalização das áreas centrais de Salvador. O evento contou com debates, workshops, mostra de filmes enfocando o trabalho de makers, empreendedores, ativistas do movimento negro e palestra do astrofísico Antonio Copete e foi promovido pela Aceleradora Vale do Dendê, em parceria com o Instituto Mídia Étnica (IME).

As fotos são do ensaio fotográfico nas dependências da Estação pela fotógrafa Helen Salomão do Afro Bapho, uma das novidades da cena de artes e do debate sobre a diversidade sexual e racial em Salvador.



FOTOS: HELEN SALOMÃO/AFRO BAPHO

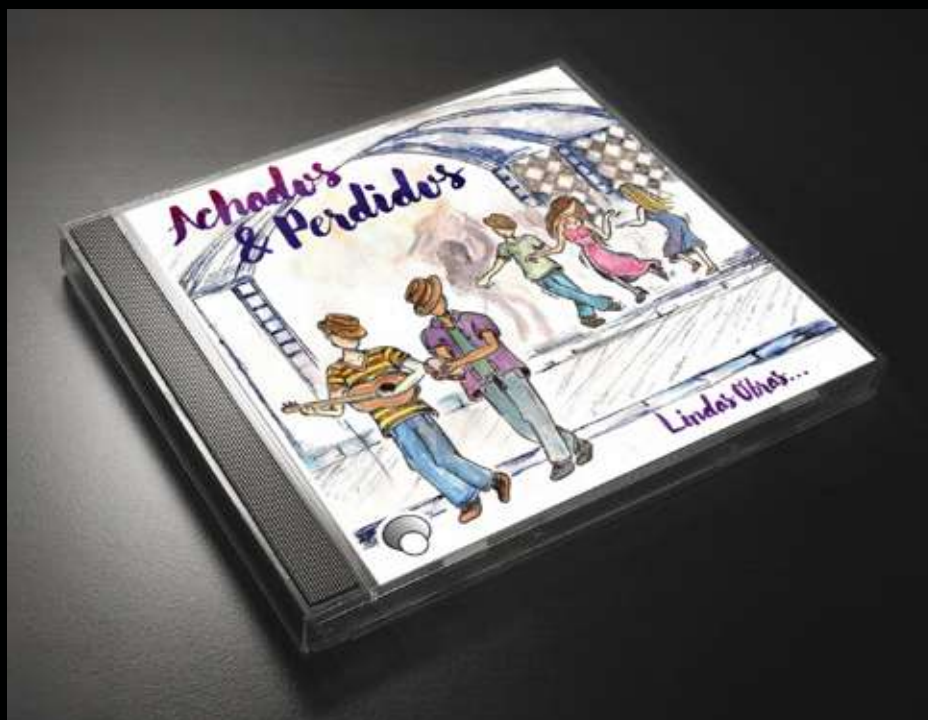


Entre os destaques nacionais e internacionais desta última edição do Rock in Rio, destaca-se o Sinara, que convidou para esta edição do Rock in Rio o cantor Mateus Aleluia.

O grupo tem filho e netos de Gilberto Gil com forte influência do reggae e do rock e contou com a sonoridade de seu mestre, componente do primeiro grupo a ter uma música de candomblé em trilha de novela. Mateus Aleluia, autor em parceria com Dadinho (falecido em 2000), da maioria do repertório gravado com Os Tingoãs, com destaque para “Cordeiro de Nanã”, gravada também no disco “Brasil” (1981) por João Gilberto.

O que acontece com os sambas que não foram escolhidos para representar as escolas de samba?

Respondendo a esta pergunta, o projeto Achados e Perdidos reúne 10 Sambas de Enredo concorrentes nas escolas paulistanas entre 2004 e 2016, que merecem ser registrados como obras a ficar para a história. Como nem toda “canetada perfeita” vai pra avenida, como já foi dito, “samba-enredo só ganha um”, este projeto está disponível em CD e nas redes sociais Spotify e Deezer.





PARA TRANSFORMAR O INVISÍVEL

Perfilando acadêmicos negros

por TÚLIO CUSTÓDIO



TEMA DA INVISIBILIDADE DO PENSAMENTO E DE INTELLECTUAIS NEGROS TEM SIDO FOCO DE ALGUNS

ESFORÇOS TEÓRICOS E POLÍTICOS POR PARTE DE DIVERSOS SETORES DO MOVIMENTO NEGRO, BEM COMO DE PESQUISADORES. PARTE DESSE ESFORÇO BUSCA TRAZER VISIBILIDADE AS TRAJETÓRIAS E REFLEXÕES SOBRE GRANDES INTELLECTUAIS DA NOSSA HISTÓRIA, DESDE LUIZ GAMA, LIMA BARRETO, PASSANDO POR JOSÉ CORREIA LEITE, ABDIAS DO NASCIMENTO, IRONIDES RODRIGUES, VIRGINIA BICUDO, CAROLINA MARIA DE JESUS, BEATRIZ NASCIMENTO, LÉLIA GONZALEZ, SUELI CARNEIRO, NEY LOPES E OSWALDO CAMARGO, ENTRE OUTROS. NOS ÚLTIMOS ANOS, COM O AUMENTO DA CHEGADA DE NEGROS E NEGRAS NO ENSINO SUPERIOR COM AS AÇÕES AFIRMATIVAS, DEVEMOS VER UM AUMENTO DESSA PRODUÇÃO.

O fato é que trazer a memória e o legado desses intelectuais, que atuaram nos mais diversos campos como política, literatura, filosofia, teatro, artes entre outros, é uma forma de subverter o que Abdias do Nascimento consagrou em seu pensamento como processo de genocídio do negro brasileiro. O genocídio histórico que ocorre aqui, organizado pela supremacia branca e seus modelos de racismo, manifesta-se tanto pela aniquilação física dos corpos negros (e conhecemos as estatísticas de homicídio dos jovens negros pelas periferias do país) como pela invisibilização de sua cultura e legado. Nesse sentido, demarcar a existência e legado desses intelectuais negros é fundamental para estabelecer sua contribuição para a sociedade e cultura brasileiras.

Como lembra a campanha feita em 2016 na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), “Quantos professores negros você tem? #naoécoincidência”, a realidade de inclusão, mesmo diante das cotas para serviços públicos, ainda é deficitária. Para efeito de ilustração, pegando apenas um exemplo, a Universidade de São Paulo (conhecida por sua excelência e por formar grande parte de doutores dos programas de pós-graduação), em uma pesquisa feita sobre o quadro docente da universidade, apenas 1,83% é negro. Na matéria que aborda a estatística, a doutora em psicologia Viviane Araújo questiona acertadamente: “Eu me deparei com a questão: se a USP é a universidade que mais tem trabalhos sobre a questão racial no país, então por que não tem docentes negros? Quem fez esse debate?”.

Esse questionamento é importante quando olhamos a realidade da produção acadêmica. A academia é o espaço de produção científica marcada pela validação rigorosa, com base em critérios estabelecidos dentro da comunidade científica, entre pares. Quando questionamos a ausência de acadêmicos negros, estamos questionando de certa forma também o quanto a produção de intelectuais negros está sendo absorvida e utilizada nos trabalhos científicos, em especial sobre a questão racial - mas claro, também em outros campos e áreas de conhecimento.

Um exemplo interessante é o último artigo dos pesquisadores Luiz Augusto Campos e Ingrid Gomes, ambos do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), *Relações Raciais no Brasil contemporâneo: uma análise preliminar da produção em artigos acadêmicos dos últimos vinte anos (1994-2013)*. Nesse artigo, os autores estabelecem um balanço muito interessante do campo de estudos sobre relações raciais, verificando se houve impacto nesse campo das discussões públicas geradas pela adoção da política de ações afirmativas em boa parte das instituições de ensino federais, a partir da produção das principais revistas acadêmicas nacionais, com avaliação de qualidade internacional (ou seja, revistas de referência no debate científico). Portanto, é

uma análise bastante privilegiada para entendermos o espaço específico nacional de produção acadêmica, onde, também, é esperado que haja certa concentração de acadêmicos negros - inclusive muitos destes que fazem pesquisas de trajetórias e pensamento dos intelectuais mencionados acima.

Entre as tabelas produzidas no artigo, há uma que chama muita atenção: lista com autores mais citados no debate de relações raciais (em pelo menos 9 ou mais artigos nas revistas verificadas), ou seja, uma lista com autores que mais impactaram a discussão e o pensamento em nível científico no Brasil nos últimos vinte anos. O que chama atenção especialmente é que na lista, que contém cerca de 90 pesquisadores e intelectuais, referências atuais bem como históricas e icônicas, o primeiro nome de um pesquisador negro aparece apenas na 22ª posição, e não é de um pesquisador brasileiro e sim do britânico Stuart Hall, seguido de outras 2 referências internacionais, Paul Gilroy (25ª) e Michael Hanchard (29ª). Brasileiro aparece apenas na 34ª posição, sendo a figura de Abdias do Nascimento (citado em 15 artigos). Outros nomes, como Guerreiro Ramos (76ª), e Clóvis Moura (79ª) vão aparecer quase no final da lista (todos citados no domínio dos 9 artigos).

Resgatando a pergunta da pesquisadora Viviane Araújo, “quem fez esse debate?”, não apenas pelas pessoas sentadas nas cadeiras das universidades, mas também pelas referências mobilizadas para pensar

a questão racial no Brasil, percebemos que a ausência negra é gritante, estarrecedora. Nesse sentido, para contribuirmos para visibilidade de intelectuais negros, e para aumentar a referência, ao invés de seguirmos na crítica da ausência negra, preferimos trazer aqui alguns perfis de acadêmicos negros brasileiros atuando no país. São pesquisadores e acadêmicos, sentados em universidades federais e estaduais de prestígio, e cada um em sua área pode contribuir para visibilidade do pensamento negro, seja pelo tema ou na sua própria existência. Para cada um deles, a fim de conhecê-los melhor, perguntamos sobre área de atuação e sua visão sobre experiência na academia.



**EU ME DEPAREI
COM A QUESTÃO:
SE A USP É A
UNIVERSIDADE
QUE MAIS TEM
TRABALHOS SOBRE
A QUESTÃO RACIAL
NO PAÍS, ENTÃO
POR QUE NÃO
TEM DOCENTES
NEGROS? QUEM FEZ
ESSE DEBATE?**



UIRÁ GARCIA

“Sou Antropólogo, formado em Ciências Sociais com mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo e com um estágio de pós-doutorado na UNICAMP. Minha formação é Etnologia Americanista, com especialidade em relações humano-animais, Ecologia Indígena e estudos sobre caça na Amazônia Indígena. Trabalho há 11 anos com um povo indígena que vive no Maranhão (próximo à divisa com o estado do Pará), os “Guajá”. Atualmente estou terminando uma pesquisa de 2 anos e meio apoiada pela FAPESP, onde me voltei para questões mais teóricas sobre a etnografia amazônica, em particular a ideia de “Contato” (que é um tema importante na minha área) e estou iniciando uma nova pesquisa, começando um estudo etnoprimitológico de uma espécie de macaco Bugio, conhecido em boa parte da Amazônia indígena como “Capelão” (*Alouatta belzebul*). Sou professor adjunto do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), e membro do Núcleo de Antropologia Simétrica do Museu Nacional/UFRJ, e do Centro de Estudos Ameríndios, da USP.”



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/REPRODUÇÃO

FLÁVIA RIOS

“Meu campo de pesquisa é a Sociologia e pesquiso movimentos sociais e relações raciais e de gênero no Brasil. Meu atual foco de pesquisa são as novas gerações de ativismo, com destaque para as suas formas de atuação no espaço público.”



EDILZA SOTERO

“Ao longo de minha formação, atuei no campo das relações raciais, desenvolvendo pesquisas com foco em diferentes objetos. Minhas preocupações estavam mais consistentemente associadas a questões relacionadas à trajetória de estudantes negros e à atuação de ativistas nos movimentos negros. Nos últimos dois anos meu campo de atuação se moveu em direção a uma perspectiva interseccional, com destaque para a investigação da articulação entre opressões de raça, classe e gênero. Os meus objetos de pesquisa nesse período refletem as mudanças na minha perspectiva teórica. Por exemplo, no doutorado, estudei tentativas de inserção de negros ativistas na política partidária no pós Estado Novo. Pouco tempo depois, quando realizei minha pesquisa pós-doutoral, resolvi investigar especificamente a atuação de mulheres negras no mesmo período, tentando compreender tanto como se dava o protagonismo dessas mulheres quanto o processo de apagamento de suas trajetórias na história do movimento negro brasileiro.”



MÁRIO AUGUSTO MEDEIROS DA SILVA

“Sou formado em Ciências Sociais e me especializei na área da Sociologia. Neste âmbito, pesquiso na área do Pensamento Social Brasileiro (estudos de processos sociais, história brasileira, história da sociologia). Eu me dedico ao estudo de intelectuais e associações negros, particularmente no século XX, ao estudo de processos sociais em que seja possível entender o protagonismo negro, o racismo, a discriminação e a luta antirracista. Ultimamente tenho pesquisado o tema do associativismo político e intelectual negro em São Paulo e a circulação social de ideias.”



FLAVIO RIBEIRO FRANCISCO

“O meu campo de pesquisa é o da Diáspora Negra, com destaque para a circulação transnacional de intelectuais nas Américas. Nesse sentido, mantenho diálogo com pesquisadores das experiências negras da Diáspora e com historiadores que estudam a sociedade estadunidense.”

JANAÍNA DAMASCENO

“Sou graduada em Filosofia pela UNICAMP e Doutora em Antropologia pela USP. Atuo como professora de Teorias da Cultura na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/ UERJ, em Duque de Caxias. Meu campo de pesquisa incide sobre Cultura Visual e Produção Intelectual na Afrodiáspora. Coordeno um grupo com este nome, o “Afrodiásporas: Núcleo de Pesquisas sobre Cultura Negra, Visualidades e Educação/ Promovide”. Além de um trabalho sobre o pensamento da socióloga e psicanalista Virgínia Leone Bicudo, que foi o meu foco no doutorado, tenho agora uma pesquisa sobre os arquivos visuais da luta antirracista no Brasil, nos Estados Unidos e na África do Sul. Tenho começado a escrever sobre isso agora. Acredito que numa sociedade centrada nas imagens, a falta de difusão massiva da imagem da luta negra no Brasil, de ícones da luta negra, acaba construindo uma narrativa de que a luta antirracista não aconteceu, diferentemente dos Estados Unidos e da África do Sul. Quase todo mundo conhece o rosto de pessoas como Mandela e Martin Luther King, mas poucos conhecem o rosto de Abdias, Lélia, Beatriz. Numa sociedade centrada em imagens, não ter massivamente representados estes ícones é como apagar a luta e matar os seus ícones. Com os meus alunos na FEBF desenvolvemos um projeto chamado “Memórias Afetivas da Baixada Fluminense”, que resgata as primeiras fotografias de família que eles encontram em suas casas. Este é um trabalho bem bonito. Como grande parte dos moradores da Baixada é negra, estamos formando um grande arquivo de imagens de família que falam sobre imigração, infância, histórias de amor, ingresso no mercado de trabalho, sororidade etc., entre pessoas negras.”



REVISTA RAÇA

PROVE UM NOVO CONCEITO DE REVISTA

fotos CLÁUDIO LIRA

Depois de revolucionar o mercado editorial sendo a primeira e a única revista voltada ao público afrodescendente há 21 anos, a Revista Raça têm promovido uma série de eventos para comemorar esse sucesso.

Nas últimas décadas, crescemos muito e ao longo deste percurso surgiram novos projetos. A festa realizada em

Setembro contou com o lançamento do Raça em Alto-Mar, além da Raça na TV e Raça Digital - com destaque para o site e redes sociais. Veja aqui fotos do evento, que contou com políticos, celebridades e influencers de diversos segmentos que puderam curtir todas estas novidades ao som de um baile black de ponta na noite paulistana! Confira as fotos!



Ari, Pestana e Márcia - Comissão da Festa de Aniversário da Raça



Carlos Seles



Claudia Alexandre



Casal Jane Costa e Fernando Ferraz



Débora Oliveira, Diva Zitto e Roseli



Dione, Dj Glauco, Monica



Dr Marco Antônio Zitto Alvarenga



Eduardo Buccelli da CVC Turismo



Erica Casemiro, Maestro Casemiro e Veruska Albertina



Fábio Pereira



Jefferson Mello, Dr Eduardo Cardoso (Presidente Aristocrata Clube) e Eduardo Moreira



Ivone, Fabiana, Gabriela ,Isabel,Sidneia e Simone Botelho



Jefferson Mello e Ana Lúcio



Fânia e Prof. Marilândia



Lincoln Tornado.



Mafiane Odara



Luanny Faustino



Nadjaryan e Daniela



Naomi, Kenya, Luana, Nadia e Neuma.



Nereu Mocotó, Rubens Lima e Marcos Santos



Samantha Pilar e Rose Santos



Tamiere Ferreira, Roberta Sales e Helen Lara



Thulla Mello, Mauricio Pestana e João Luiz.



Valtinho Tato e Sandra.

PASSARELA DA RAÇA

Essa seção é dedicada àquelas que já estão ou em breve estarão esbanjando o talento, a graça e a beleza da mulher negra com classe e **RAÇA**. Estreando nossa seção **Mônica Moara da Silva Sacchi**, mais conhecida como **Moara Sacchi**, de Porto Seguro:



FOTO: CONSTAR PHOTOGRAPHY

FORAM TANTOS XINGAMENTOS, TANTOS APELIDOS QUE ME FIZERAM CRESCER ACREDITANDO SER A PESSOA MAIS FEIA DESSE MUNDO. CRESCI OUVINDO QUE MEU CABELO ERA RUIM, PIXAIM, E CAI NA BURRICE DE ALISAR O CABELO. COM O TEMPO E COM A AJUDA DE MUITA GENTE BOA, COMECEI A ME ACEITAR, PASSEI PELA TRANSIÇÃO CAPILAR; ASSUMI MEU BLACK E PAREI DE TENTAR ME EMBRANQUECER, ENTREI TAMBÉM PARA O MOVIMENTO NEGRO, ESTUDEI E CONTINUO ESTUDANDO SOBRE SÍMBOLOS DE RESISTÊNCIA NEGRA, ARTISTAS NEGROS



Depois quis dar a volta por cima, quis mostrar a todos que me xingavam que me julgavam por minha cor que eu sou bonita sim, nem mais nem menos que ninguém, apenas uma beleza diferente. Então me inscrevi em um concurso de beleza negra, na primeira vez fiquei em 3º lugar, depois em 2º e depois finalmente em 1º lugar.



**QUEM ME VÊ HOJE ASSIM TÃO SEGURA DE MIM, NÃO
IMAGINA O QUANTO JÁ SOFRI COM O BULLYING
NA ESCOLA, RACISMO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL
QUANDO PEQUENA.**



Sou uma artista, já fui musicista do IASA e da Orquestra sinfônica de Porto Seguro (violino, viola clássica e flauta doce) bailarina (ballet, dança contemporânea e dança afro brasileira). Comecei no Centro de Convivência e Cultura, depois passei para o Grupo AFEFE, agora estou no grupo Afro Raio. Me chamam de cameleoa e eu concordo, a vida é uma só e eu quero ser o máximo de coisas que eu puder ser, vivo em constante mudança sem perder o brilho da minha essência. E já estou pensando em qual vai ser a próxima aventura.



FOTOS: VIVIAN ALVES





REVISTA
RAÇA

RAÇA é uma publicação mensal da **Pestana Arte & Publicações**. A publicação não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados ou por qualquer conteúdo publicitário e comercial, sendo esse último de inteira responsabilidade dos anunciantes.

www.revistaraca.com.br

www.facebook.com/revistaraca

Ano XXI – Edição 199 – março/2018



Pestana Arte & Publicações

Rua Serra de Bragança, nº 66B - Vila Gomes Cardim, São Paulo – SP – CEP: 03318-000
Tel. (+55 11) 3476-1993

Maurício Pestana
Diretor

Hamalli Alcântara
Atendimento

REDAÇÃO

Editora-Chefe: Fernanda Alcântara

Chefe de Arte: Daniel Rosa

Revisor: Afonso Leite

Colunistas: Amarildo Nogueira; Carol Barreto; Dione Rio; Rachel Quintiliano; Zulu Araújo;

Colaboradores: ChristianneLuce Gomes, Iara Félix Pires Viana e Mariana Rosalina Cordeiro Ferreira da Silva; Claudia Alexandre; Drago; Mateus Magalhães; Túlio Custódio.

PARA ANUNCIAR

anunciar@revistaraca.com.br

SUGESTÃO DE PAUTA

Para sugestões, dúvidas e informações, entre em contato direto com a redação: redacao@revistaraca.com.br
Ou direto com a editora-chefe: fernanda@revistaraca.com.br



CAPA
Reinaldo
O príncipe do pagode

Fotografia:
Caio Reis

LOJA RAÇA

Confira as ofertas e produtos da **Raça** no site: www.revistaraca.com.br



INFELIZMENTE SOU OBRIGADA A ADMITIR: SOU UMA VICIADA QUÍMICA

POXA, AMIGA ISSO É GRAVE!!! VICIADA EM QUE? MACONHA, COCA, CRACK?

ESSAS DROGAS DERRUBAM QUALQUER UM. ELAS VÃO TE DEIXAR LISA

MAS, VICIADA EM QUAL QUÍMICA?

QUÍMICA DE CABELO. POR ENQUANTO APENAS MEU CABELO FOI ALISADO E DERRUBADO

Fátima

**CRUZEIRO
SOBERANO**

28.02

2018

PULLMANTUR

4 NOITES
(ALL INCLUSIVE)

O MELHOR DA
BLACK MUSIC NOSTALGIA
E SAMBA ROCK COM DJ **GLAUCON** E CONVIDADOS

WWW.NAVIOBAILEBLACK.COM

Baile
em
BLACK
ALTO MAR

e
REVISTA
RAÇA

GARANTA JÁ
SUA RESERVA!

(11)3476-1993

(11) 99193-9188

WWW.REVISTARACA.COM.BR
www.hightrip.com

REALIZAÇÃO

 **HIGHTRIP**

FÓRUM BAIANO DA DIVERSIDADE NO MUNDO DO TRABALHO

MENOS
PRECONCEITOS, MAIS
OPORTUNIDADES.

DIAS 23 E 24
DE OUTUBRO,
EM SALVADOR.



O Governo do Estado realiza o Fórum Baiano da Diversidade no Mundo do Trabalho, que vai debater e propor medidas que estimulem a inclusão de negros, indígenas, mulheres, pessoas com deficiência, jovens, idosos e grupos LGBT nas empresas e organizações que atuam na Bahia. Abrir portas para a diversidade é o melhor caminho para combater os preconceitos. Participe! **Saiba mais. Acesse www.setre.ba.gov.br**

